



## ALDRABAS E BATENTES DE MONTEMOR-O-NOVO: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO

*Luís Filipe Maçarico*

### 1ª PARTE - OS CONTEXTOS DA ALDRABA

#### 1. CITAÇÃO

" (...) Muitas vezes me chamaram doido, por suporem frívolo o que a mim me parecia ouro (...) Ao menos esse prazer, e o de ser útil à minha pátria e à ciência, hão-de compensar de sobra as zombarias dos insensatos!"

Porto, Julho de 1882

J. Leite de Vasconcellos (1986) "*Tradições Populares de Portugal*", 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 36.

#### 1.1.NOTA PRÉVIA

Há uma vaga lembrança de lendas de mouras encantadas, publicadas nos idos anos 60 da minha infância, pelo DN, e o fascínio que despertava a sua descoberta. Na escola primária os sarracenos estavam sempre a ser derrotados por Afonso Henriques, e dessas estórias ainda há vestígios nos Paços do Concelho de Alcácer do Sal e de Montemor-o-Novo... Depois, o velho aparelho de rádio, quando se tentava sintonizar, deslizava para emissoras marroquinas e por segundos o perfume de melodias inesperadas invadia o éter... A seguir, em Moçambique, na Ilha, antes da independência

## A MÃO QUE NOS CHAMA

*Santiago Macias*

Quando em princípios de 1999 se preparava a exposição "Portugal-Marrocos: portas do Mediterrâneo" hesitava-se sobre o caminho a seguir e qual o sentido a dar ao projecto. Subitamente, durante uma visita a Arzila, alguém chamou a atenção para as aldrabas, "já viste que são iguais às nossas?". Eram, de facto. Estava encontrado o mote para a exposição e estavam encontradas novas rotas de aproximação.

O nosso olhar haveria, contudo de ser desviado, para desagrado de alguns colegas marroquinos, para os gestos do quotidiano. A nossa atenção centrou-se então nas mãos do trabalho que reparam as redes de pesca, nas que lavram ou que moldam os adobes. Ou nas mãos de mulher, que tecem e nos acariciam. Em vez da arte da corte mostrámos tocadores de adufe dos dois lados do mar. Em vez de emires e de palácios as nossas portas do Mediterrâneo abriam-se aos que nunca tiveram nome nem História.

Não foi tanto a carga simbólica que a cultura mediterrânica desde sempre conferiu à mão que naquele momento nos interessou. Para trás ficaram também as aldrabas, motivo inspirador do tema da exposição. Voltámos a encontrá-las, anos mais tarde, num texto que o Luís Filipe Maçarico nos enviou e que editámos na revista "Arqueologia Medieval".

Os mesmos caminhos voltam agora a ser trilhados pelo autor. Critérios de excepcionalidade ditaram que se escolhesse o centro histórico de Montemor-o-Novo, um oásis onde resistem as aldrabas que fascinam Luís Filipe. Por aí se seguiu, olhando sempre mais longe, mais para Sul e mais para Oriente. O percurso iniciou-se em Sarajevo, há já longos anos, e o término estará lá longe no tempo. A História está sempre presente e por isso somos remetidos para as referências a tempos idos, a cidades abandonadas ou a civilizações desaparecidas.

Luís Filipe fala-nos muito no presente e numa diária perda de memória. O seu périplo passa agora pela Tunísia e pela valorização de um património até há pouco esquecido. É provável que nas casas dos bairros do Gharb al-Ândalus faltassem as aldrabas. Quem, a não ser a família e os vizinhos iria bater à porta dos mais pobres? Ainda assim, era na entrada da casa que se colocavam os símbolos de protecção, destinados a afugentar os espíritos

maléficos e impedindo que estes interferissem com o quotidiano dos seus habitantes. Mãos de Fátima e ferraduras eram, neste domínio, objectos privilegiados para afastar o mal. Continuam hoje a ser motivo para uma proximidade com o outro Sul, como nos testemunham as deambulações feitas em Sidi Bou Saïd ou em Fez.

Olhemos então as mãos, cristalizadas no ferro forjado, imóveis à entrada das casas. São elas que protegem o lar e são elas quem nos chama. É por esse mundo que vamos quando o Luís Filipe nos convida a encetar o percurso "pouco depois da Biblioteca Municipal Almeida Faria, na Travessa dos Lagares, junto ao nº 7 e terminar-se perto dos Paços do Concelho, no final da Rua do Poço Tapado". Sigamos então o Luís Filipe Maçarico, Montemor-o-Novo fora.

decorria o ano de 1974 - as mesquitas, os cânticos e o ambiente exótico do Oriente perseguiram os sentidos... Mais tarde foi o encontro com um bazar e cúpulas, em Sarajevo, na ex-Jugoslávia, aquando da primeira saída de Portugal (1982). Finalmente, viagens a Istambul (1986) Marrocos (1989 e 1990) e Tunísia (1991-2002) e uma série de leituras, de Al-Mutamid a Adalberto Alves, de Ibn Amar a António Borges Coelho, de Tahar Ben Jelloum e Omar Khayyam a Cláudio Torres e Santiago Macias e outras tantas audições de inspiradas músicas, de Lotfi Bosnãc a Eduardo Ramos, com toda a panóplia de materiais recolhidos, de amizades envolventes, de conhecimentos enriquecedores e preciosas memórias, fizeram-me sentir que sou um árabe com saudades da Natureza, arrastando a sombra na grande cidade de sedes, em busca da luz de um verso, quiçá da sonora sílaba de uma aldraba!<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO



Monsaraz: Porta com dois batentes zoomórficos e duas aldrabas e espelhos de fechadura.

Aqueles que, durante séculos, ao visitar familiares e amigos, se habituaram a tocar na aldraba, no batente ou no martelo de porta, para anunciar a sua chegada, teriam uma grande decepção, se pudessem ressuscitar, "viajando" até ao futuro que é o nosso presente. Campainhas primeiro, portas de alumínio depois, reduziram a aldraba e o batente a mero vestígio de um passado onde, por exemplo, se *repenicava* o toque, caso os anfitriões habitassem o lado esquerdo de um andar: uma pancada repenicada, para o 1º esquerdo, duas pancadas e a respectiva repenicadela para o 2º esquerdo, e assim sucessivamente...

No sul, onde este utensílio segundo **Maria Cardeira da Silva** predomina <sup>2</sup>, há aldeias como Moreanes ou Baleizão com uma presença residual, face à "invasão" do alumínio e de puxadores metálicos fabricados em série, sem arte nem beleza. Todavia, há ainda espaços urbanos onde a aldraba persiste e parece ser apreciada, como é o caso da parte antiga de Montemor-o-Novo. Nas portas de castelos como o de Noudar ou de Silves, ou em edifícios estatais, como o da Marinha, na Rua do Arsenal, em Lisboa, belas aldrabas continuam a falar-nos da sua aventura secular. Iguualmente em Alpedrinha, na Beira Baixa, é possível encontrá-las.

Em sítios mais distantes, como Granada e Córdoba, lá está a marca da passagem mourisca. E nos lugares longínquos, onde o deserto espreita, como Tozeur ou Nefta, no sul da Tunísia, ou em Sidi Bou Saïd - belas cidades

daquele país do Norte de África - ou na marroquina Fez, há ainda a possibilidade de admirar portas chapeadas, com pregos martelados, dispostos de maneira a sugerir pássaros e flores, com duas aldrabas no topo ou três a meio, cuja intenção será abordada mais adiante.

Reproduções de três aldrabas existem na Travessa dos Lagares em Montemor-o-Novo e na Rua do Prior, no bairro da Lapa, na capital. Supõe-se que apenas por motivo decorativo.

A perda deste património é algo de irreparável, porque desaparecendo a pequena palpitação de ferro, que anunciava o começo dos dias, através dos vendedores (padeiros, leiteiros, jornaleiros, etc.) que entregavam os seus produtos, porta a porta, matinalmente, extingue-se o testemunho de um tempo de artífices falecidos, reformados ou muito velhos; os ferreiros!

Na época actual, imitações de um dourado duvidoso e ostentatório foram vulgarizadas, contudo, o facto de serem fabricadas em série, retira-lhes o estatuto que a velha aldraba possuía - obra única, de linhas elegantes, delicada, por vezes discreta, outras adornada com motivos que supostamente reforçariam a sua eficácia simbólica, ou simplesmente contribuíam para acrescentar excelência à singeleza.

Em várias zonas de Lisboa e Montemor-o-Novo encontrou-se uma considerável quantidade de esperas (base metálica contra a qual o martelo de porta, o batente ou a aldraba eram atirados energeticamente para produzir o chamamento desejado) sem a componente que lhe dava sentido: aldraba ou o batente, arrancados ou roubados, para colecção, se a porta em madeira porventura não for substituída, o que só por si torna aqueles objectos obsoletos, caso a nova porta seja metálica... Então, é como se tivesse sido arrancada a língua a um pregoeiro, que quisesse anunciar a sorte, ou tivesse desaparecido a batuta que faz o xilofone florir numa melódica delícia.

O presente artigo pretende chamar a atenção para o valor de um património esquecido, tentando contribuir para a sua preservação, através do conhecimento da História e dos usos sociais e culturais que lhe foram atribuídos, ao longo das épocas e latitudes.<sup>3</sup>

### 1. "ITINERÁRIOS" DA MÃO: A SIMBOLOGIA DA MÃO NAS CRENÇAS DOS POVOS MEDITERRÂNICOS

Desde as cavernas, que a representação da mão acompanha a caminhada do



Tunísia: Sidi Bou Said

Homem. Portadora de poderes mágicos, a mão é referida por **Desmond Morris** na versão "figa", como um talismã, utilizado sobretudo em Portugal e na Sicília, contra bruxas e mau-olhado.<sup>4</sup> **Leite de Vasconcellos** recolheu em Lisboa o seguinte costume: "Para se evitar mau-olhado que alguém queira deitar faz-se-lhe uma figa com a mão direita, exclamando: "Figas, canhoto,/Figas, cão tinoso!"<sup>5</sup> Também **Margarida Tengarrinha** lembrou que em Portimão, "como em todo o país são usados amuletos, muitas vezes colocados nas crianças, tais como figas."<sup>6</sup>

A mão talismânica, associada a **Tanit** (deusa cartaginesa) foi assimilada pelos árabes, persistindo em celebrações como o Aïd-el-Kebir (o cordeiro sacrificial do fim do Ramadão) e, segundo **Chadly Ben Abdallah** <sup>7</sup>, o sacrificador do cordeiro deve besuntar no sangue ainda quente do animal dego-lado a sua mão, imprimindo a seguir numa parede a marca de uma khomsa, amuleto considerado de grande eficácia contra o mau-olhado.

Em todo o mundo arabo-muçulmano, nas fachadas das habitações ou em jóias usadas pelas mulheres, do Magreb ao Egipto e da Índia ao Paquistão, a **Mão de Fátima** integra o poder benigno de uma mão ligada ao Divino (a filha do Profeta Maomé) poder benéfico esse presente nas crenças dos Povos Mediterrânicos. Na Internet, vários sites reivindicam como elemento da civilização judaica essa defesa contra forças nocivas e ocultas... Entretanto, enquanto alguns árabes dizem que ela sintetiza os cinco pilares do Islão, outros repudiam-na porque só se deve adorar Allah, o único protector!...

Em Outubro de 2002, ao longo de uma estadia de três semanas na Ilha de Djerba, verificou-se um certo incómodo nas pessoas entrevistadas, no sentido de tentarem desconstruir algo que está disseminado como os marabouts <sup>8</sup>...

É claro que a superstição está entranhada e é desconfortável admiti-la caso se pretenda transmitir uma imagem menos "arcaica" do povo... Por outro lado, se a Mão de Fátima é uma invenção, como os meus amigos Mabrouk e Bechir defendem, qual a razão para ela ser mencionada no portal web oficial daquele país, nos mais variados documentos - da propaganda turística à investigação - e noutras fontes, como no "Dicionário de Símbolos", na obra de **Adalberto Alves** "A Herança Árabe em Portugal", nos catálogos de exposições realizadas por cientistas sociais, etc.? Será que não terá a ver com uma tentativa de arabização dos costumes, rejeitando-se aquilo que foi apropriado pela Comunidade Judaica? Em 30 de Outubro de 2002, foi



Tunísia: Medina de Sousse

perguntado a *Rachida*, em *Sidi Bou Said*, porque razão a Mão do Sagrado e do Profano é de *Fatma* e não de *Mahomet*, seu pai? "Sou uma ignorante, não sei responder a isso", desculpou-se pelo visível embaraço que a pergunta causara...

Desfolhando a revista de bordo da *TunisAir*, deparou-se-me um interessante artigo de *Alya*, onde se lê a certa altura:

"Chrétiens, juifs et musulmans échangent les mêmes superstitions, se plient aux mêmes coutumes prophylactiques, vouent le même culte aux porte-bonheur. Et partagent la même crainte du même ennemi commun : le mauvais oeil (...) La Khomsa ou main de Fatma (...) fédère la Méditerranée. Elle est accrochée au cou du nourrisson-ou de sa mère-entlumine les broderies des costumes de mariée, tintinnabule au bout des porte-clés, se sculpte dans le bois des dossiers de chaises ou de banquettes et s'appose, rougie au henné, sur les murs du hammam. Elle est, de toutes les formules prophylactiques, la plus puissante. »<sup>9</sup>

Um mês depois (30-11-2002), curiosamente o marroquino *Youssef*, com quem houve uma troca de impressões na Casa do Alentejo, à pergunta "porque razão algumas pessoas na Tunísia dizem que a Mão de Fátima é uma "tradição" reinventada para consumo turístico?" comentou que, perante a ocidentalização da Ifriqya, os magrebinos desse país têm vergonha de assumir costumes ancestrais, sublinhando que "Mão de Fatma" e "Khomsa" são a mesma coisa e pertencem ao imaginário árabe...

Há uns anos atrás, Salem Omrani, tunisino de Tozeur, ao visitar o bairro lisboeta de Alcântara deteve-se na contemplação de uma aldraba da Travessa da Trabuqueta, chamando a atenção para o facto do velho utensílio integrar a Mão de Fátima. A simbologia revelada nesse instante investiu a presente investigação da premência inter-cultural, que nos remete para uma parte importante das raízes culturais do nosso sentir.

### 3.OS FERREIROS, FAZEDORES DE ALDRABAS

"O ferro é a minha vida,  
Do nosso ser já faz parte;  
Do ferro se fazem jóias  
Se forem feitas com arte



Tunísia: Sidi Bou Said

Se tivesse duas vidas,  
Voltaria a ser ferreiro,  
Para dar vida ao ferro  
Mais por gosto que dinheiro”<sup>10</sup>

Senhores do fogo, heróis civilizadores, os ferreiros têm sido objecto de celebração e estudo. Mircea Eliade, em *"Ferreiros e Alquimistas"*<sup>11</sup>, revela que a sacralidade do ofício do ferreiro está associada à origem divina das primeiras reservas de ferro, caídas do céu sob a forma de meteoritos. A civilização do ferro conseguiu impôr-se através das armas que os ferreiros concretizaram, sobre todas as outras formas civilizacionais.

Num site do Liceu Boissy d'Anglas assegura-se que

"Le fer forgé, qui connait un fort développement au Xème siècle, est surtout utilisé dans les serrureries fines (heurtoirs) (...) par les ouvriers à « marteau » dont le protecteur est St. Eloi ».<sup>12</sup>

Em "Saberes da Vida Memórias de Antigas Profissões", publicação do Museu Municipal do Bombarral, lê-se que "os ferreiros constituíam uma elite pelo prestígio das suas funções. Os seus produtos eram muito importantes para toda a população rural."<sup>13</sup>

Efectivamente, a ordenação do caos, obtida com uma energia criadora de submissão dos elementos atribuiu-lhes um estatuto especial. Depois, a concepção de alfaias agrícolas reforçou a posição relevante, sublinhada pelas práticas alquimistas.

Para Catarina Oliveira "é comum nas representações construídas e transmitidas em torno dos ofícios, a associação de virtualidades "mágicas" às competências técnicas, tanto mais fortes quanto estranhas e menos conhecidas forem as técnicas, sobretudo pela manipulação de elementos naturais carregados de simbologia, como o fogo transformador".<sup>14</sup> No Nordeste Transmontano "em muitas aldeias havia uma forja pública, à disposição de todas as pessoas que dela necessitassem"<sup>15</sup>.

António Lourenço Fontes nota que "esta arte é quase sempre herdada"<sup>16</sup>. Tal como noutras regiões do país, na aldeia de Safara, Moura, o último ferreiro aprendeu a arte "transmitida através de gerações a fio de mestres forjadores, que incluem o seu avô e o seu pai"<sup>17</sup>. A ausência de aprendizes, por desinteresse dos jovens, a dureza da profissão, a mecanização e a



Tunísia: Sidi Bou Said

produção em série colocaram o ferreiro na galeria dos ofícios pouco necessários. Ainda assim, o avanço tecnológico e as novas premissas económicas não obstam à permanência de uma presença residual, enquanto manufactores de actividade tradicional, com preocupações identitárias e estéticas. Entretanto, entre os sobreviventes alguns optaram pela segurança e compensação que a serralharia oferece.

#### 4. UM MICROCOSMOS CHAMADO PORTA

Passagem do público para o privado, a porta é um desafio. Travessia do exterior para o interior, a porta protege e fecha, desvenda e acolhe. Se se entreabre, a porta partilha um segredo. Hospitaleira, escancara-se aos que são bem-vindos.

Trabalhada, ornamentada, por vezes chapeada, a porta exhibe o "status" do proprietário, através de inúmeros sinais: no material base (madeira, alumínio...) na estética subjacente (arte nova, gótica...) nas figuras antropomórficas dos batentes, nos espelhos de fechadura, nos postigos em ferro forjado, etc. etc.

Há livros sobre portas e portas que originaram um Museu, como é o caso do Musée de la Porte et de la Ferronnerie em Pézenas.

Simbólica, a porta é secreta, poética porta. Guardada por uma cobra, a porta do batente raro em forma de réptil, pode significar fortaleza, associada à defesa de tesouros ou fertilidade agrícola.<sup>18</sup> Viglada por dragões e cães<sup>19</sup>, a porta obriga, através do batente a obter permissão para transpor o espaço entre o profano e o sagrado, ou seja entre elementos estranhos e uma família. Com golfinhos a decorar batentes artísticos, a porta exprime um desejo de transformação e amor, através dessa fachada apaziguadora.<sup>20</sup> Com argolas integrando vigilantes máscaras de leão, que já existiam no Egipto da Antiguidade,<sup>21</sup> as portas ostentam poderio.

A sua funcionalidade assenta na proibição de entrada às forças desconhecidas e negativas, escudando ao mesmo tempo, o acesso dos que merecem transpôr este obstáculo. A passagem pela porta consiste no primeiro passo, iniciático, rumo a um território revelador de valores preservados...



Tunisia: Testour



Aldraba da porta do Castelo de Noudar

## 2ª PARTE: O PAPEL DAS ALDRABAS E BATENTES NO PROCESSO SOCIAL

### 5. ALDRABAS E BATENTES

Uma aldraba e um batente podem ser sinónimos, representando ambos a mesma função?

Em certa medida, sim, porque ambos servem para bater numa porta, anunciando visitas. Ambos asseguram um papel decorativo. Ambos permitem cumprir uma função simbólica, de protecção contra espíritos maléficos e mau - olhado.

Ambos se encontram ligados ao poder benfazejo da Mão, pois na sua matriz mais divulgada, a mão integra, através da representação naturalista o batente, ou no contorno das costas de um punho fechado, a aldraba.

Todavia, há uma diferença substantiva: Enquanto o batente executa apenas a tarefa de bater na porta, a aldraba serve ainda como "trinco, lingueta e ferrolho", conforme a definição de **José Pedro Machado**, no "Vocabulário Português de Origem Árabe".

Passível de rodar, e, através desse movimento, de abrir e fechar portas, a aldraba está exemplarmente retratada na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira:

"Argola fixa por uma extremidade na parte anterior das portas, a qual serve para bater nesta e para levantar a tranqueta que segura a porta do lado posterior (...) Peça de ferro ou de bronze, de formas diversas, móvel na parte superior e terminando inferiormente em martelo, que se fixa na face anterior das portas, e que se levanta e deixa cair sobre uma espera de ferro, quando se quer bater à porta (...) Ferragem para fechar por dentro portas e postigos, formada por arame de ferro revirado em gancho dum lado e do outro articulado numa argola, ou ponto fixo; o gancho entra numa argola fixa ao arco da porta."<sup>22</sup>

### 6. ESPELHOS DE FECHADURA

O espelho de fechadura, enquanto componente de um conjunto simbólico de utensílios protectores e publicitários, inseridos na linguagem da porta, mereceu de **Leite de Vasconcelos** algumas considerações acerca desse objecto, ainda exibido em algumas entradas senhoriais. Cruciformes, uma parte desses espelhos, eram verdadeiras obras de Arte, sublinhando o prestígio e poder do seu proprietário, que através desse quase braço,

algumas vezes a lembrar a ancestral Cruz de Cristo, continham forte significado social.

Enquanto nas residências endinheiradas, a linhagem de um título nobiliárquico ou do ouro arrecadado era simbolizada por formas imponentes, majestosas, trabalhadas, a simplicidade das formas era emblemática dos mais despojados, acompanhando os utensílios de bater à porta com breve geometria, sem os excessos de grandeza dos espelhos de fechadura das casas dos ricos... Efectivamente, na frontaria das quintas e palacetes as formas revestiam-se de uma elegância, beleza e criatividade distintivas, que investiam os ferreiros de uma aura artística, havendo quem como **Júlio Valarinho** tenha chamado a alguns destes artesãos "Poetas do Ferro"...

Concebidos para expulsar demónios e fazer recuar os menos bem intencionados, os espelhos de fechadura complementam e acentuam o papel da aldraba e do batente, encontrando-se sobretudo nas portas dos mais abastados, talvez por terem mais motivos para temer perdas... A harmonia e originalidade dos modelos, tornaram alguns espelhos de fechadura em admiráveis objectos de um museu percorrido diariamente, através do olhar e ao alcance da fruição colectiva. É pois à Comunidade que cabe, enquanto produtora de cidadania, estar atenta para não se perderem estes testemunhos identitários, estes irrepetíveis espécimes da criatividade popular.

#### 7.A LINGUAGEM DA ALDRABA NO QUOTIDIANO

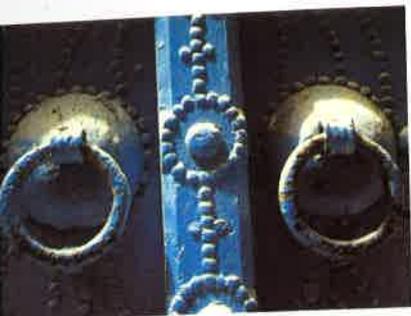
O jornalista **Augusto Baptista**<sup>23</sup> contou-me, que quando escreveu o artigo "Salvem os Batentes!", encontrou numa porta do Porto, um batente com lagarto, cujo proprietário o informara, que dantes as pessoas que estavam bem na vida os usavam para anunciar esse "status" e que foragidos, perseguidos, iam ali albergar-se, agarrando no batente, ficando sob a protecção da casa e respectivo dono... Ocorreu-me que também ao Solar dos Britos, em Alpedrinha, era atribuída esta eficácia protectora, através de uma lenda que chegou, de boca em boca, até aos nossos tempos. Assim, aqueles que fugiam à justiça e se agarrassem às argolas dos portões, ficavam sob protecção dos donos do Solar.<sup>24</sup>

A aldraba e o batente evocam outros tempos. A sua mudez é ainda assim uma linguagem, sugerindo a sua presença visões de épocas passadas.

Adivinha-se, por exemplo, no reinado de D. João V a ostentação: nos palácios, aldrabas e batentes de bronze, nos casebres, o ferro. Quantos



Porta em Houmt-Sout, capital da ilha de Djerba. Dois batentes para cavaleiros, dois para os peões...



Tunísia: Medína de Túnis

senhores receberam visitas anunciadas pelo bater delicado ou nervoso do utensílio augurador de surpresas, alegrias, tristezas... Quantos condenados pela Inquisição escutaram o toque fatal? Em quantas portas, conspiradores bateram subrepticamente, para esboçar conjuras, revoltas, transformações? Em quantas portas fornecedores vieram entregar produtos frescos, fazendo-se apregoar, através da aldraba ou do batente? Em quantas portas a batidela antecedeu reunião coscuvilheira, jocosa, crítica? Em quantas portas a aldraba noticiou o músico, o poeta, o artista, animadores de serões iluminados?

Olhando estes objectos mudos vislumbramos o poder que exerceram, a História que os tocou, os milhares de humanos que ao utilizá-los escreveram o Futuro! Aldrabas e batentes desempenharam noutras épocas, antes do triunfo das campanhas, um importante papel no âmbito das técnicas e códigos de comunicação entre os habitantes das comunidades sedentárias.

No Norte de África, para lá da função utilitária, decorativa e talismânica, a aldraba distribuía-se pelas portas, segundo modelos (de acordo com a cultura arabo-muçulmana) hierárquicos: aldrabas para miúdos e graúdos, ou sexistas: uma para o homem, uma para a mulher e outra para a criança. E para que dentro de casa pudessem saber o género ou a idade de quem se anunciava, cada batidela correspondia a uma sonoridade diferente.

O código comunicacional que este belo objecto proporcionava, incluía algumas técnicas, como repenicar - o que ainda há pouco tempo nas nossas cidades era comum acontecer- ou seja, o batente ou a aldraba faziam vibrar a espera da seguinte maneira: uma batida simples para o primeiro andar, lado direito, e uma batida semelhante acompanhada de duas repenicadelas se para o lado esquerdo e assim sucessivamente...

No contexto da Idade Média, da Renascença e do Romantismo a importância da aldraba foi notória: inserida numa linguagem simbólica em que o estatuto social era ostentado na porta, o anfitrião anunciava ao visitante o seu poder.

Nesse sentido, do leão ao dragão, da serpente ao cão, os batentes zoomórficos configuravam uma espécie de publicidade eficaz, relativamente aos atributos económicos e sócio-culturais do proprietário. As ferragens inerentes à decoração das portas, nomeadamente espelhos de fechadura, ferrolhos e puxadores, exibiam genuínas obras de arte, a par de entradas mais modestas, com aldraba singela, em que o metal utilizado era diferenciado daquele que os palácios exibiam.

Como vimos anteriormente, a porta é o começo de uma viagem, é o primeiro passo no sentido da entrada numa outra esfera, em que se passa do público para o privado, em que se partilha um território íntimo, espaço esse que convém estar bem defendido contra intrusos, mau-olhado e espíritos malignos. A sorte, a saúde e o bem-estar são propiciados pela mão protectora, esculpida no batente, para afastar os efeitos negativos de uma visita indesejada. Os guardiões simbólicos que alguns batentes integravam, salientariam estes propósitos supersticiosos.

A porta é o começo de uma aventura, quando não se conhece quem está lá dentro, pois através dos seus sinais o dono da casa resiste à perturbação da paz. A porta é uma barreira que se esbate para o amigo e se fortalece contra o invasor. A aldraba é a sentinela.

### 3ª PARTE: PARA A HISTÓRIA SIMBÓLICA DA ALDRABA (UM CONTRIBUTO)

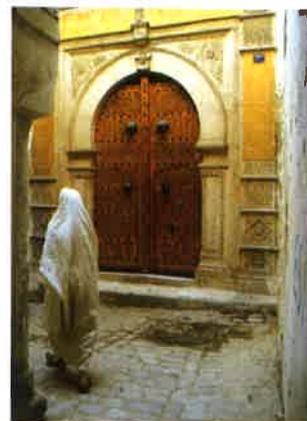
## 8. FUNCIONALIDADE, DESEMPENHO E PRESERVAÇÃO NO NORTE DE ÁFRICA E FRANÇA

No artigo "A Função Antropológica da Aldraba: Da Origem Simbólica à Morte Funcional"<sup>25</sup> referiu-se a existência de duas aldrabas em portas magrebinas, destinadas a serem usadas, uma, mais baixa, por peões, outra, mais acima, para os cavaleiros... A funcionalidade que este objecto exerceu em terras cristãs, de anunciar visitas e exibir o poderio do proprietário, adquiria em território islâmico outro significado. O site "Galerie des Portes", igualmente citado naquele artigo, é bastante elucidativo acerca de costumes relacionados com a sua utilização, aliás, já referidos em anterior passagem do presente texto:

"Verificará que cada porta dispõe de três aldrabas, cada uma com uma sonoridade particular e assim o dono ou a dona da casa pode aperceber-se se o visitante é mulher, homem ou criança.

Estas aldrabas estão dispostas, segundo uma regra: a do homem à direita, a da mulher à esquerda e a da criança, mais pequena, à direita, mas mais baixa que as outras..."<sup>26</sup>

As oposições "Mão que aguarda" versus "Mão que decide" ou "Mão que invade"/ "Mão que protege", implícitas na dualidade verificada entre os que batem à porta, com más intenções e o alarme que adverte o morador, protegendo-o contra a intrusão, remetem-nos para uma simbologia que desde sempre acompanhou a História da Aldraba e merece ser relembrada.



Medina de Túnis: Tunísia

Invenção dos povos da bacia mediterrânica, para comunicarem entre si num espaço de sociabilidades específicas, a aldraba absorve, prolonga, integra a crença caritativa da Mão Talismânica, geralmente associada a uma figura carismática ou Divindade, popularizada na Antiguidade por fenícios, gregos e romanos, que através de amuletos em forma de Mão, acreditavam na magia inerente para escapar ao mau-olhado.<sup>27</sup>

Contendo a arquitectura tradicional mediterrânica a exuberância do essencial e o esplendor da vitalidade<sup>28</sup>, não admira que pelo Magreb aldrabas e batentes reflectam o apuro dos mestres andaluses.<sup>29</sup> A sua preservação, entretanto, parece estar em curso, em parte devido ao afluxo turístico, que todos os anos demanda estas paragens. Na **Tunísia**, por exemplo, encontrei em Outubro de 2002, na bela cidade do famoso café des Nattes, onde reza a lenda São Luís terá vivido os últimos anos de vida, uma colecção de postais com aldrabas e batentes artísticos, cujas legendas se resumiam a um abrangente "détail de porte", fosse a proveniência do utensílio da Medina de Tunis, de Testour, Sidi Bou Saïd, mosquée de Tunis, no caso de reproduzir batentes em forma de argola, ou "Main de Fatma", caso a reprodução tivesse a ver com uma mão, sempre com anel no terceiro dedo, geralmente da mão esquerda, ornamentada, com folhos, laçarotes e agarrando uma esfera que pressionada sobre a espera produziria o toque pretendido.

As cores destas reproduções privilegiam fundos azuis (sete postais), havendo dois com fundo amarelo, um verde e outro entre a cal e o castanho terra. O autor destas fotos é **Slim Kacem** e a colecção abrange mais de uma vintena de postais, pois adquiri catorze exemplares entre o 2 e o 22, aparecendo nesse conjunto duas portas de Sidi Bou Saïd (uma amarela e outra azul) e uma porta verde de la Zitouna- Tunis.

Em alguns países da Europa do Sul, como a Espanha, a França e a Itália que o **aldabon**, a **aldaba**, **l'heurtoir** ou o **battente della porta** integram o imaginário dos respectivos povos. Na **Europa** há clássicos da literatura como o "**D. Quixote**" e o "**Pinóquio**", onde as aldrabas aparecem diversas vezes e até no "**Capuchinho Vermelho**", em versão italiana, o lobo mau manda entrar a netinha depois desta ter anunciado a sua chegada, tocando num batente...

Assim, para os **espanhóis**, e se a amostragem proporcionada pela Internet permitir um retrato aproximado da realidade, além de integrar obras universais, o utensílio é bastante utilizado pela cyber-literatura que os webnautas vão produzindo, há fotografias de exemplares resistentes e

"aldaba" é nome de hotel, restaurante, livraria, revista... e apelido de pessoa! Em **Itália**, o objecto está sobretudo ligado aos monumentos do Renascimento, e pela Net vão surgindo alguns exemplos de grande interesse patrimonial. Mas o "battente della porta" integra também contos de Pasolini. De **Inglatera** também nos chegam ecos desta "devoção", havendo inúmeros sites de vendedores, de imitações e antiquários... Aparte as que se encontram na catedral de Durham, no castelo de Windsor e naturalmente no Museu Victoriano...

Deve igualmente referir-se que as aldrabas mais antigas da **Turquia** têm cabeça de dragão e foram concebidas para as portas da Mesquita Ulu, em Cirze, no século XIII. Túmulos, mesquitas e casas tradicionais albergam detalhes artísticos como as aldrabas...

Se formos mais longe, até ao **Brasil**, as influências da matriz portuguesa fazem-se sentir ainda na arquitectura e em pormenores como as aldrabas, que chegam a ser revisitadas na literatura, nomeadamente em **Gilberto Freyre**.

Também na **Argentina** era inconcebível construir uma casa sem a correspondente aldraba na porta. Há até um ditado que diz "a tal casa, tal aldraba". Quanto mais caprichosas e artísticas fossem as formas, mais distinta era a mansão. "Ter boas aldrabas" significa que aquela família possui amizades poderosas, cuja influência, em determinadas circunstâncias, corresponde a protecção ou favores de enorme valia...

Todavia, o país que manifesta uma dedicação especial a estes materiais parece ser a **França**. Dos admiradores que colecionam fotografias, aos serralheiros de arte, passando pela preocupação de responsáveis pelo património, a nível estatal, os diversos "actores" têm sensibilizado o público e conquistado um espaço seguro para a conservação destes testemunhos do passado. **Philippe Maday** é, em França, um dos cibernautas mais interessados nos "heurtoirs", palavra francesa que designa batentes e aldrabas. Diz ele no seu invulgar site: "Adivinhem! Sou habitualmente um objecto de arte, encontro-me praticamente em todas as casas e tornei-me inútil após a chegada da electricidade, mas continuam a instalar-me e a ver-me. Quem sou eu? Eu sou a aldraba e a minha mais bela recompensa é que o mundo moderno reservou-me uma utilidade..." e a imagem que acompanha este texto mostra um jornal entalado numa aldraba<sup>30</sup>. Curiosamente em Montemor-o-Novo pude ver este exemplo reproduzido, bem como sacos de pão atados a aldrabas...



Túnis: Tunísia



Sidi Bou Said: Tunísia

Belíssimas reproduções de aldrabas e batentes de Bruges, Espanha, Paris (várias páginas), Versailles e Sicília, integrando serpentes, cabeças de serenos guardiães ou de assustadores leões, sereias, cavalos e cães, estão patentes nesta amostragem concebida para exaltar e defender o valor da aldraba.

Das múltiplas hipóteses que a webgrafia nos oferece, salientam-se os esplêndidos sítios relacionados com Pezenas e Saint Privat, todos eles referentes ao território gaulês. Recentemente foi constituído o colectivo para um **museu virtual da aldraba** <sup>31</sup>, que reúne apaixonados deste objecto. O seu objectivo primordial é criar um Museu virtual, reunindo fotografias de batentes e aldrabas de todas as épocas e países. Pretende-se igualmente apresentar uma história do utensílio, bem como as evoluções que foi sofrendo.<sup>32</sup>

Em Portugal, até Abril de 2003, não havia registo - em termos de Net - de tão interessantes navegações à volta das aldrabas. Quando se buscava informação em Português, o resultado era confrangedor. Deve-se a **Eduardo Nascimento**, fundador, director e animador do "Círculo Artístico e Cultural Artur Bual" o ter colocado no site daquela associação o artigo "A Função Antropológica da Aldraba", que a revista "Arqueologia Medieval", do Campo Arqueológico de Mértola, publicou. Esta preocupação esteve na génese da criação da "Aldraba - Associação do Espaço e Património Popular"<sup>33</sup> e de uma intervenção nas V Jornadas de Cultura Saloia.<sup>34</sup>

**Alain Rigo**, serralheiro de arte de Saint Privat é um dos expoentes na mestria com que se entrega à preservação da aldraba. Evocando o ferreiro, Rigo pergunta:

"Não forjava ele as armas necessárias à defesa da cidade, os utensílios eficazes para trabalhar a terra, as ferramentas domésticas?"<sup>35</sup> Mais adiante relata: "Os antecessores da aldraba surgiram nas portas das catedrais e nas fechaduras e chaves dos edifícios religiosos (...) a aldraba apareceu em França no séc. XVI, no fim do gótico, nas mansões da nobreza, integrando os emblemas das famílias reinantes <sup>36</sup>.

**Marie France Lacoue-Labarthe**, autora de um livro incontornável, "Heurtoirs de Bordeaux", confirma de certa forma esta tese, afirmando que inicialmente aldrabas e batentes em França eram objectos raros, ligados a igrejas, abadias, mosteiros e demais imóveis religiosos <sup>37</sup> ou civis relacionados com os detentores do poder e da justiça, cuja simbologia reflectia uma pertença social distinta. Esta autora revela que sobre uma porta de

Pompeia<sup>38</sup> foi encontrada uma aldraba e evoca estudos de E. H. Gombrich e Otto Kurz que defendem a aparição de batentes com máscara de leão na Antiguidade greco-romana, os quais teriam uma dupla função (utilitária e profilática) servindo a máscara para exprimir a simbólica da força domesticada e protectora.<sup>39</sup>

Doutora em História de Arte, especialista em artes decorativas regionais e em particular da arte do ferro forjado, Marie France Lacoue-Labarthe diz que não é ilegítimo imaginar que aquele motivo de origem grega foi adoptado e adaptado por bizantinos, muçulmanos, árabes do Egipto ou da Síria e depois pelos turcos de Istambul. A hipótese do objecto ou da sua reprodução terem viajado nas bagagens dos cruzados ou nas malas de comerciantes e negociantes italianos de Génova, Pisa ou Veneza, explicará a "contaminação" reprodutora nas forjas europeias.<sup>40</sup> Acompanhando a evolução das artes e o enriquecimento da França, dos batentes e aldrabas de Bordéus, segundo aquela autora, existem exemplares que são obras-primas da serralharia artística. O livro é um extraordinário repositório desses modelos (mais de 100 sumptuosas fotografias).

Philippe Derckel, autor do livro poético-fotográfico "Des Portes à Ouvrir..." conta que "Animado não por estereis saudades do passado mas mais positivamente desejoso de preservar a memória de obras originais onde o carácter artístico se manifesta de porta em porta, recolhi um conjunto de aldrabas, as mais expressivas, que me pareceram merecer ser oferecidas a todos."<sup>41</sup> E este fotógrafo - poeta escreve: "Bates à porta do jardim da vida/para nele semear estrelas", "Deixar entrar a doçura/que bate à porta da noite.", "abrir a porta ao vento/A cada um ele traz/Todos os beijos do Mundo", "Fecha-se a porta/da procura/Abre-se a porta/do encontro."<sup>42</sup>

Microcosmos da realidade sócio - cultural, a aldraba e o batente, que acompanharam o Homem na sua marcha evolutiva, depois da descoberta do fogo, e a partir dos aparatosos diálogos dos ferreiros com Vulcano, têm, felizmente os seus adeptos no Norte de África e na Europa. Oxalá o ideal ingénuo dos entusiastas privados se traduza em Associações de Defesa do Património, que travem a brutal insensibilidade de certos autarcas e populações.

## 9. PORTUGAL: ESQUECIMENTO E MUSEOLOGIA. A LONGA CAMINHADA PARA A PATRIMONIALIZAÇÃO

Há cerca de duas décadas, alunos de Vila Real elaboraram desdobráveis para uma campanha de protecção dos batentes das portas. "Não os deve-



Batentes dos portões da Mesquita de Córdoba.



Batente de porta lateral da Mesquita de Córdoba.

mos tirar das suas portas - escreveram - e deve-se protegê-los porque são peças antigas e já não se encontram (...) são lindos e foram os antepassados que os fizeram com todo o seu carinho.”<sup>43</sup>

Efectivamente, para **Mário Nunes** “O património constitui (...) a base identificadora, o suporte jurídico, histórico e cultural do homem e, conseqüentemente, do povo a que pertence.”<sup>44</sup> Lembra este investigador que “se a defesa e preservação do património cultural representa uma acção fundamental para salvaguardar os vestígios materiais da história do homem (...) torna-se imperioso validar essa mensagem e fazê-la entender (...) principalmente, pelas entidades governamentais (...) pela juventude e pela generalidade da população.”<sup>45</sup>, pois, para “Que o património não se confine a memória e saudade, mas se torne realidade e vivência, porque recebemos uma herança e não uma hipoteca, devemos conservar um tecto e não acumular ruínas, temos obrigação de transmitir uma independência.”<sup>46</sup>

O exemplo dos postais de aldrabas editados na Tunísia, atrás relatado, parece-me extraordinário, pois não conheço edições correspondentes no nosso país.

Muito distraídos têm andado os nossos repórteres, com o olhar desatento para as portas de madeira, ainda ornamentadas por belos utensílios que são o motivo destas páginas... Iguamente absortos por outras matérias têm vivido muitos autarcas e investigadores, todos alheados de um tão grande valor patrimonial, à mercê da gula de coleccionadores e empreiteiros, os quais por razões diversas varrem das nossas ruas estes preciosos testemunhos de uma pujante arquitectura popular que, através da ajuda dos ferreiros florea, com Arte e bom gosto, prédios e intimidades...

Entre o esquecimento generalizado e a Museologia que integra - como no Museu do Abade de Baçal, em Bragança - aldrabas, da longa caminhada para a patrimonialização, às vezes chegam cartas como este depoimento do professor **Alexandre Laboreiro**, de 21 de Abril de 2003, da qual se transcrevem algumas passagens:

“(...)Vivia-se, em diálogo ligado às aulas de História, o ensino - aprendizagem referente à Civilização Árabe na Península Ibérica. Durante a animada conversa entre Alunos e os meus Colegas Docentes, surgiria - como era de prever - a interrogação daqueles no que respeitaria às reminiscências do legado islâmico na região de Montemor-o-Novo: tendo os professores aproveitado para sugerir às turmas, uma pesquisa na Biblioteca da escola, no sentido de um con-



Lucena (Espanha).

tacto bibliográfico com a realidade patrimonial local.

Seria eu - enquanto Professor destacado na Biblioteca da Escola - a receber inúmeros alunos aliciados pela tarefa: estando eu perante, contudo, o "handicap" de pouco existir - em matéria escrita - sobre vestígios árabes na localidade. Propus-me "falar" do que eu sabia sobre o assunto (resultado de literatura avulsa, observação directa, contactos pessoais, ilações tiradas da cultura geral, etc.) Referi-lhes então a gastronomia da região, a toponímia, a planta do Castelo, os costumes dos camponeses, os pilares da economia agrária, os termos da linguagem, as influências arquitectónicas árabes (ou de gosto estético árabe) em alguns edifícios solarengos de Montemor, conduzindo à maneira de vestir das camponesas mais idosas, e aos "montes alentejanos" (na sua construção arquitectónica e enquanto "núcleo" económico - social; e falei-lhes, naturalmente, das "aldrabas" e "batentes" (sua finalidade, simbologia, ritual de utilização) - enquanto (felizmente) fecunda reminiscência árabe entre nós (...) Reunidas as "fichas" de pesquisa, apresentados os trabalhos nas aulas, seria a "novidade" do estudo das aldrabas e batentes, o que maior impacto causaria no espírito dos Professores - que se me dirigiram interessados no assunto. E, a comprovar o interesse, houve colegas que me sugeriram a leitura do "Diário do Sul" - onde era publicado um seu estudo (...) sobre a investigação que vem fazendo, é pertinentíssimo o conhecimento do valor do Património, para o defendermos e preservarmos. Afinal, ninguém pode amar aquilo que não conhece!"

No início de 1990, o jornalista **Augusto Baptista** publicou na revista "Sábado" um artigo - "Salvem os Batentes!" - que nunca é demais citar, pelo afinco das palavras que então dedicou àqueles utensílios:

"À morte funcional dos objectos não tem de corresponder a respectiva eliminação física (...) É tempo de inflectir este curso bacoco de feroz destruição do património e da identidade cultural (...) Não bastam boas palavras, intenções. Precisa-se é de acção decidida e coordenada, a começar por quem tem responsabilidade nestas coisas, autarquia à cabeça."<sup>47</sup>

Desde então, no Porto, segundo Augusto Baptista, desapareceram vários exemplares de batentes, que interessava preservar.

Em Portugal, são efectivamente as instituições (Palácios do Estado e monumentos da Igreja) que mantêm e protegem os magníficos exemplares que (ainda) podemos apreciar em vilas e cidades do território nacional.



Aldraba da R. Prior do Crato: Lisboa.



Ghar el Melh :Tunísia

Muitos edifícios particulares sofreram transformações que propiciam o abate de objectos que hoje jazem nos armazéns do comércio de velharias, quantas vezes servidores de projectos esboçados e usufruídos no estrangeiro...Tenhamos porém alguma esperança. Se a sensibilização encontrar aderentes e este espírito puder alastrar, talvez seja possível repetir-se o que no início dos anos oitenta sucedeu em Alpedrinha: perante a constatação de uma grande quantidade de casas de granito rebocadas, encetou-se uma campanha no boletim da Liga de Amigos local. Os resultados foram surpreendentes. Ao ver que os visitantes apreciavam as habitações tradicionais e a Junta de freguesia e as Associações da terra apoiavam e incentivavam os costumes identitários, os moradores passaram a mostrar com orgulho o que antes escondiam. A sensibilidade venceu então algum alheamento. Talvez um dia possamos assistir a um fenómeno semelhante no que respeita às aldrabas. O Povo, se bem aconselhado e esclarecido, é capaz de reconhecer o bom gosto. É importante não desistir!

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo é resultado de uma exaustiva pesquisa bibliográfica, que abrangeu várias áreas das Ciências Sociais, como a Antropologia e a História, complementada com uma consulta em inúmeras chancelas editoriais, portuguesas, francesas, espanholas e tunisinas.

As fontes de recolha distribuíram-se por uma extensiva geografia de hipóteses documentais e fotográficas: Montemor-o-Novo; Évora; Ferreira do Alentejo; Vidigueira<sup>48</sup> Aldeia da Luz (velha); Monsaraz; Beja; Baleizão; Moura; Safara; Noudar; Serpa; Mértola; Moreanes; Faro; Silves; Alcântara (Lisboa); Prazeres (Lisboa); Madragoa (Lisboa); Lapa (Lisboa); Alpedrinha; Porto; Miranda do Douro; Santiago de Compostela; Córdoba; Granada; Fez (Marrocos); Tozeur (Tunísia)...

Ao longo de vários anos, diversos informantes, do Magreb ao sul de Portugal forneceram dados relevantes que foram pacientemente coleccionados. De entre eles, destaco **Salem e Taïeb Omrani**, o **Dr. José Alexandre Laboreiro**, **Augusto Baptista** e **Adalberto Alves**.

O cruzamento de depoimentos orais com testemunhos escritos e textos científicos, permitiu aprofundar um conhecimento empírico, uma curiosidade académica, que culminou neste trabalho de análise consequente.

A publicação de diversos artigos, ao longo do tempo, em jornais e revistas, a obstinação, apesar de alguns desdêns, em prosseguir esta abordagem, a

envolvência da observação - participante, a pertinência e a partilha dos artigos entretanto elaborados, proporcionou que o interesse pelas aldrabas alastrasse até às pintoras Isabel Aldinhas (montemorense) e Margarida Barroso/Guika (moreanense), as quais apresentaram telas alusivas, em exposições ocorridas no início da Primavera de 2003.

De facto, as duas pintoras alentejanas<sup>49</sup>, estimuladas por conversas e textos sobre aldrabas e batentes, apresentaram obras, com a representação daqueles utensílios, que cativaram os amantes de pintura, pela originalidade, associada à técnica com que integraram a lembrança do objecto.

Contudo, a nostalgia da aldraba, não se compadece com atitudes saudosistas. A preservação destes materiais assenta essencialmente na possibilidade de continuarem a integrar a arquitectura da cidade, no local para o qual foram idealizados, impedindo que se confinem a reservas onde são coleccionados fantasmas...

A escolha de Montemor-o-Novo para o desenvolvimento deste projecto, deveu-se, em primeiro lugar, à percepção e confirmação de inúmeros e variados exemplares de utensílios, que dezenas de visitas possibilitaram aprofundar. Todavia, para consubstanciar nesta cidade o resultado prático de todo um trabalho de recolha, pacientemente realizado, o factor humano foi decisivo.

Primeiro, numa excursão de idosos, que desejavam conhecer a Biblioteca Almeida Faria. Os ecos da sua qualidade tinham chegado céleres à freguesia de Prazeres! E como foi tocante ver avós, confessarem que não sabiam ler, mas tinham ido ali apreciar as maravilhas, que Abril proporcionava aos netos, de outras avós, porventura analfabetas também... A Montemor se tornou para conviver com uma das suas melhores embaixadoras: a pintora Isabel Aldinhas, cuja obra esteve exposta no Pátio Árabe da Casa do Alentejo. O casal Aldinhas possibilitou um conhecimento magnífico da Serra de Monfurado, da Sra do Livramento, da Anta do Zambujeiro, do Escoural, de pessoas e lugares fraternos, como o Eng<sup>o</sup> Alexandre Pirata, a professora Vitalina Roque Sofio, a Dra Ana Vacas, o capitão Terjeira, o Dr. Laboreiro... A frequência de dois cursos de Verão na Universidade de Montemor, coordenados pelo professor doutor Jorge Crespo, com uma panóplia de credenciados oradores, de gabarito internacional, preparou-me para o regresso à Universidade no sentido de fazer um mestrado em Antropologia, na área dos Patrimónios e Identidades. Montemor é ainda o lugar de referência, onde me foi dado conhecer a poesia de Maria José Lascas Fernandes, em



Safara: Batentes em forma de mão

cujo monte do Portaleiro, a caminho de Lavre já saboreei estrelas e jasmims. Lavre, onde Saramago se inspirou para publicar o seu "Levantados do Chão", escrito em casa de Belmira Alves Besuga, colaboradora do inventário de aldrabas, batentes e martelos de porta. Mas se todo este afecto encaminha para Montemor, o interesse pelas aldrabas, é a razão, claramente exposta em "Memórias do Trabalho" e nos escritos sobre património, de Catarina Oliveira, que justifica a escolha. Segundo **Jorge Fonseca**,<sup>50</sup> em 1699, a vila e termo de Montemor-o-Novo possuíam 12 ferradores e 7 ferreiros. Ao longo dos séculos, aqueles artesãos produziram, certamente, para lá dos utensílios essenciais ao trabalho agrícola, exemplares de aldrabas e batentes, para os montes rurais e para os prédios da cidade, que ainda hoje se exibem nas portas de Montemor.

Na realidade, pelas **83 ruas** recenseadas, registaram-se mais de sete centenas destes objectos. Quase **5 dezenas** deles (48) eram novos, o que não deixa de ser interessante registar. Verificou-se ainda que perto de **três dezenas das portas** observadas (num total de cerca de seiscentas e cinquenta), eram modernas, e em madeira, a maior parte das quais com batentes também recentes. Houve até o caso de uma porta de alumínio ostentar um batente antigo em forma de mão... Foram igualmente encontrados perto de **três dezenas de portas e portões chapeados**, técnica ainda hoje utilizada na Tunísia, por exemplo.

Inventariaram-se **366 batentes**, sendo **183 em forma de mão**, **51 em forma de aldraba**, **36 em forma de argola**, **9 em forma de oito ou cabaça**, **8 em forma de ampulheta**, **8 com cabeça de leão**, havendo igualmente **5 batentes em forma de ferradura com cabeças de cavalo**, **4 com golfinhos**, **2 com mastins**, **2 com cabeça de Medusa**, **1 representando uma serpente** e **1 com cabeça humana**.

Quanto às aldrabas, foram observados **235 exemplares** e no que concerne aos **martelos de porta**, dos **63 exemplares** verificados, concluiu-se a existência de **38** cujo modelo é **tipo osso**. O casal Aldinhas recolheu **44 puxadores**...

Tudo isto totaliza **708 objectos** que podem ser essencialmente desfrutados na parte antiga da cidade de Montemor-o-Novo.

Escutando alguns informantes, recolheram-se interessantes depoimentos, que apontam para várias hipóteses, sobre o porquê desta terra possuir ainda tantos exemplares de aldrabas, batentes e martelos de porta... Atentemos, por exemplo na pertinente explicação do **Dr. José Alexandre**

Laboreiro, professor, associativista, animador de diversos eventos, cidadão empenhado no bem estar colectivo e pedagógico cronista da Imprensa Montemorense :

“É uma questão de tradição. Quanto a mim, nos prédios senhoriais, está presente o Conservadorismo. Como sabe, as portas, os portões do monte, transpuseram-se para a então vila, e vice-versa. Identificadas, quanto a mim, fazendo parte do Senhorialismo... Como inclusivamente a posse dos prédios pertencia a estes senhores, conservaram-se, e embora fossem vendidos após o 25 de Abril aos moradores, estes mantiveram a traça original...”<sup>51</sup>

O Engº. Alexandre Pirata Vinagre, presidente da Junta de freguesia de Nossa Senhora da Vila, chamou a atenção para importantes factores que podem explicar a abundância daqueles materiais, no “casco” velho da cidade:

“Em primeiro lugar, porque ainda são utensílios com qualidade prática, seja o utilizador de que geração for, acha graça e a ressonância que cada aldraba faz (não há duas iguais), se o vizinho que mora numa rua ouve alguém tocar à porta, sabe, pelo toque, que é o Ti Manel que vive cinco casas abaixo.

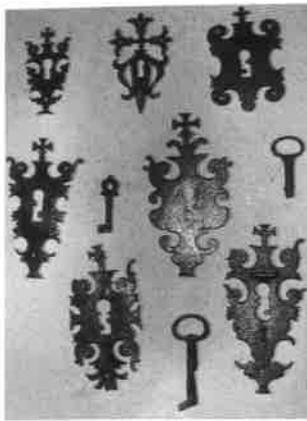
Esteja o morador no quintal, no quarto ou na cozinha, ouve impecavelmente este som... a campainha não funciona com esta eficácia. Depois, o centro histórico é habitado por um estrato etário avançado (com poucos recursos), que tem resistido às “modernices” que degradam o património... Outro motivo são os próprios filhos, que adquiriram o edifício, por herança ao avô ou ao pai, e que a pedido desses familiares mantiveram aquela porta... Há ainda uma razão forte: A aldraba não consome energia; não avaria; tem um som original - só tem vantagens. A campainha em 2-3 anos precisa de ser reparada... As aldrabas ficam cem, duzentos, trezentos anos...

Nota-se então que a sensibilidade dos velhotes, a resistência às inovações e a preservação do que existia e é bom, ajuda a manter as aldrabas... e que os jovens preservam o que o avô e o pai tinham... Quem queira voltar às origens, a uma vida pacata, em que os vizinhos se conhecem e se entreadjudam, em que ainda se vai à mercearia comprar fiado, este humanismo é o contexto da aldraba...”<sup>52</sup>

Maria José Lascas, poetisa, natural do Lavre, a viver em Vagos, é procu-



Aldraba da porta do Castelo de Noudar.



Espelhos de fechadura. Fotografia oferecida pela pintora Isabel Aldinhas.

radora no Porto, e da observação das casas do Norte<sup>53</sup>, compara aquilo que vê, nessas paragens, com o que conhece do seu Alentejo:

“Devido ao facto do alentejano não ser tão aberto à inovação, no sul as coisas demoram tempo a chegar... isto fez com que o alumínio chegasse, mas não tão depressa. Por outro lado, a casa tem para ele um significado especial, um sentido muito diferente. Desde logo demonstrado no cair, na conservação das portas. Portanto, daí não haver tanta vontade de mudar... Por outro lado, por uma questão económica, porque substituir significa investir dinheiro. Não se deitam fora coisas que estão boas... Na zona antiga vivem pessoas de menos posses... Mas eu também acho que no Alentejo os mais novos foram tocados por outra coisa: com o investimento de estrangeiros e pessoas de Lisboa nos montes, passaram a dar outra importância às coisas, porque os que vinham de fora chamaram a atenção para algo que tinha valor e valia a pena ostentar. Isso nota-se no uso das botas caneleiras e dos chapéus...”<sup>54</sup>

**Isabel Aldinhas**, com o marido José Mateus Aldinhas, reflectiu acerca da proliferação deste património na sua cidade, tendo emitido a seguinte opinião:

“Aquilo que me parece, eu suponho, aquilo é uma parte antiga de Montemor, uma parte pobre, onde os donos das casas têm pouco dinheiro... as casas estão caiadinas, com flores, quintais, aquilo está muito arranjado, mas não tiveram dinheiro para fazer casas de geometria tão perfeita, nem para pôr uma porta nova. Quando põem portas novas de alumínio horrível a aldraba vai embora... Isto é aquilo que eu penso. Talvez a Câmara agora desperte para isso. A aldraba está tão integrada no nosso meio, que nem eu nem os outros reparávamos...”<sup>55</sup>

Estas opiniões reflectem a possibilidade de razões tradicionais e económicas poderem justificar a existência de tantos utensílios nas portas das ruas mais antigas de Montemor-o-Novo. É nas artérias da terra natal de Curvo Semedo que devem permanecer estes artefactos intensos de simbologia, estética, História social e cultural...<sup>56</sup> **O Museu Vivo** aprecia-se quotidianamente, de largo em largo, de beco em beco, de rua em rua, de porta em porta, e nesse contexto de vivências, podem fazer-se fantásticas descobertas de mãos, golfinhos, serpentes, leões, dragões e outras representações antropomórficas, que conferem carácter e diferença a estas obras-primas da sensibilidade artística dos mestres ferreiros. Que as executavam,

para os clientes, apreciadores do seu talento, os quais, por seu turno, as encomendavam, certamente com o intuito de espalhar beleza e poesia, à escala humana, entre casas, entre gentes...

Lisboa, 11-5 e 25-11 de 2003/ 16-2-2005

**Luís Filipe Maçarico**

### **ANEXO I: SUGESTÃO PARA UM ROTEIRO BREVE DAS ALDRABAS, BATENTES E MARTELOS DE PORTA DE MONTEMOR-O-NOVO**

Este percurso apresenta alguns dos mais belos exemplares de aldrabas, batentes e martelos de porta da cidade. Para conforto do visitante, deverá começar-se pouco depois da Biblioteca Municipal Almeida Faria, na Travessa dos Lagares, junto ao nº 7 e terminar-se perto dos Paços do Concelho, no final da Rua do Poço Tapado.

**Travessa dos Lagares, n.º7** - Três aldrabas, cuja disposição faz lembrar as portas tradicionais do Magreb; O sítio é bonito, pois trata-se de uma ruela que passa por debaixo de um curioso passadiço, que cheira a terra, ervas, quiçá ao petisco de uma primorosa e experiente cozinheira. Nesta rua podem ser também apreciadas, aldrabas no n.º 13 (2) e em duas portas s/n (uma por cada porta); No n.º 2 da mesma rua há ainda dois batentes em forma de mão; O circuito prossegue, depois de atravessar a R. Teófilo Braga, numa sucessão de largos que revelam tesouros, um dos quais consideramos autêntica "jóia da Coroa" deste roteiro, que no entanto necessita de alguma protecção.

**Terreiro Novo, n.º1** - Dois batentes de aspecto robusto, em forma de argola; No mesmo Largo convém reparar nas aldrabas existentes nas portas com os n.ºs 2, 4 e 6; É que exemplares como estes, elegantes e funcionais, já não voltam a ser feitos por ferreiros. A população é ciosa destas preciosidades, e sempre pronta a contar um pormenor, enquanto o sol faz os gatos espreguiçarem-se pelos recantos mais luminosos;

**Terreirinho, n.º 5** - 2 batentes, em forma de mão;

**Travessa das Pinas - n.º1** - batente em forma de mão; Na mesma travessa, no n.º2 - Porta de madeira com puxador em forma de maçaneta;

**Terreiro das Pinas - n.º1** - porta chapeada, com aldraba na parte inferior



esquerda e batente em forma de serpente na parte superior esquerda; O conjunto é um verdadeiro prazer para os olhos; Neste espaço podemos encontrar vários portões chapeados (n.º s 2, 8 e 9) todos com uma aldraba. Há ainda no n.º 5 uma porta de madeira onde um batente surge duma boca de leão. E outra aldraba, no n.º 6; E no n.º 4 um puxador. O n.º 10, em contraste com todo este notável manancial do património arquitectónico de Montemor, exhibe um exemplo de porta de alumínio;

**Na Rua do Poço Tapado, n.º3** - 2 batentes em forma de golfinho - tritão;

No n.º 1 aparecem outros dois batentes, cada um deles ornamentado com duas cabeças de mastim, para utilizar o termo empregue por um atento participante no passeio dos "Dias Tranquilos", que decorreu na manhã de sábado 25 de Junho de 2005, e cuja temática era "O Roteiro das Aldrabas de Montemor" São obras de arte cuja fruição está ao alcance de quem deseje ver para além do que se olha.

O passeio completa-se já em pleno **Largo dos Paços do Concelho**, onde dois martelos de porta nos aguardam (n.º 7), a par de 2 batentes em forma de aldraba (n.º 8).

Mas poderá prosseguir, se houver vontade de descobrir mais raridades, entre postigos, meias - portas e varandas de ferro forjado, que nos falam de tempos que já não voltam...

## **ANEXO II: ROTEIRO DAS ALDRABAS DE MONTEMOR-O-NOVO**

### **METODOLOGIA**

Entre Fevereiro/Março de 2003, realizaram-se duas sessões de recolha<sup>57</sup>, no casco velho da cidade, baseadas num conhecimento prévio, de certo modo empírico, que várias estadias<sup>58</sup> em Montemor-o-Novo proporcionaram. Posteriormente, em Julho completou-se o levantamento, abordando novas ruas.

Numa primeira abordagem, quantificaram-se os espécimes encontrados e esboçou-se uma hipótese de catalogação mais exigente, especificando a forma do batente, que tanto pode configurar uma argola, uma ferradura, uma mão ou uma aldraba, desprovida<sup>59</sup> de todas as suas possibilidades funcionais, as quais a distinguem dos batentes comuns.

Foram consideradas, no âmbito dessa identificação, algumas palavras, frases ou ideias, transmitidas, quer pela entusiástica colaboradora deste

levantamento, a poetisa Belmira Alves Besuga, quer pelo geógrafo Fernando Duarte, que acompanhou o processo, fotografando alguns dos objectos descritos neste Roteiro.

O levantamento por vezes conseguiu aprofundar o conhecimento das particularidades de cada utensílio recenseado. Por exemplo: um batente em forma de mão pode integrar um anel, uma manga de renda, uma pulseira e ou uma bola agarrada, que funciona como martelo, batendo na espera para produzir o efeito desejado, ou seja: chamar os donos da casa, para anunciar uma chegada de visitas.

Convém, em suma, descrever todos os pormenores, para reconhecer e distinguir com exactidão. Mas este é apenas um primeiro passo...

#### GLOSSÁRIO

Batente/argola - abreviatura de "batente em forma de argola";

Batente/mão - simplificação de "batente em forma de mão".

#### ANEXO III: INVENTÁRIO DAS ALDRABAS, BATENTES E MARTELOS DE PORTA EXISTENTES NO CASCO ANTIGO DE MONTEMOR-O-NOVO

##### Rua Luís de Camões

Nº2 - 2 batentes; Nº4 - 2 batentes;

##### Largo General Humberto Delgado

Nº7 - 2 batentes; Nº2 - 1 Martelo de porta; Nº1 - 1 Martelo de porta;

##### Rua 1º de Maio

Nº6 - 2 batentes; Nº5 - 1 batente em forma de mão;

##### Praça Dr. Miguel Bombarda (Antigo Terreiro do Côrro)

Nº10 (Casa dos Três Irmãos) - 2 batentes/ mão; Nº14 - 1 batente;

##### Rua das Continhas

Nº8 - 2 aldrabas; Nº5 - 1 aldraba;

##### Praça Cândido dos Reis (antiga Praça Velha)

Nº8 - 2 martelos de porta;



Montemor-o-Novo, Travessa dos Lagares, nº 7.



Porta de Montemor-o-Novo: Batente em forma de serpente e campainha - Terreiro das Pinas, 1.

#### R. do Sacramento

Nº3 - Batente em forma de entrançado de louro sobre cabeça<sup>60</sup>;

#### Largo da Escola Nova

Nº7 - 1 batente; Nº3 - 1 aldraba; S/n.º - Portão chapeado com 1 aldraba;

#### Travessa dos Lagares

Nº13 - 2 aldrabas; S/n - 1 aldraba; Nº7 - Portão chapeado com 3 aldrabas; S/n - 1 aldraba; Nº2 - 2 batentes em forma de mão;

#### Rua Verde

Nº2 - 1 batente em forma de argola, com espelho de fechadura, que tanto pode lembrar a pele espalmada de um lagarto, como o motivo arabesco descortinado pelo geógrafo Fernando Duarte; N.º4 - 2 batentes / mão, apesar da campainha; Nº5 - 2 batentes / mão;

#### Terreiro Novo

Nº1 - 2 batentes / argola (design robusto);

#### Terreirinho

Nº1 - 2 batentes / mão, apesar da campainha; S/n.º - Portão chapeado com 1 aldraba;

#### Rua do Terreirinho

Nº2 - 1 aldraba; Nº4 - 1 aldraba; Nº5 - 2 batentes / mão; Nº6 - 1 aldraba;

#### Travessa d' Adegua Funda

Nº4 - 1 aldraba; Nº3 - 1 batente / mão;

#### Travessa dos Góis

Nº3 - 1 aldraba com espelho de fechadura;

#### Travessa das Pinas

Nº1 - 1 batente / mão; Nº2 - Porta de madeira com puxador em forma de maçaneta;

#### Terreiro das Pinas



Terreiro das Pinas, 1 Montemor-o-Novo.

Nº5 - Porta de madeira com 1 batente, suporte cabeça de leão; Nº6 - 1 aldraba; Nº2 - Portão chapeado com 1 aldraba; Nº8 - Portão chapeado com 1 aldraba; N.º - Portão chapeado com 1 aldraba; Nº1 - Porta chapeada com 1 aldraba na parte inferior esquerda e 1 batente em forma de serpente na parte superior esquerda; é dos mais belos espécimes do património montemor-novense;

#### Largo da Liberdade

Nº5 - 2 batentes /mão; Nº6 - Porta de madeira com puxador / maçaneta;

#### Rua de Santo António

Nº29 - Porta de madeira com 2 batentes/ argola; Nº25 - 2 batentes/ mão; Nº16 - 2 batentes em forma de aldraba volumosa; Nº14 - 2 batentes /mão numa porta "lindíssima", segundo a opinião da poetisa Belmira Alves Besuga, natural do Lavre, que colaborou entusiasticamente neste levantamento; Nº12 - 2 batentes /mão; Nº10 - 2 martelos de porta; Nº11 - Portão chapeado com 1 aldraba; Nº2 - 1 batente/ mão;

#### Rua do Poço Tapado

Nº9 - 1 aldraba; Nº7 - 1 aldraba; Nº3A - 2 batentes/ mão; Nº3 - 2 batentes em forma de golfinho-tritão; Nº1 - 2 batentes, cada um com duas cabeças de mastim;

#### Largo dos Paços do Concelho

Nº7 - 2 martelos de porta; Nº8 - 2 batentes em forma de aldraba; Paços do Concelho - porta lateral: 1 batente em forma de um A estilizado, com coroa ou ameia e 2 espelhos de fechadura;

#### Rua Teófilo Braga (antiga Rua Direita)

S/n.º - 2 batentes; N.º 62 - 2 batentes /mão; Nº68 - 1 batente/ mão; Nº70 - 1 batente /mão; Nº71 - 1 aldraba; Nº72 - 2 batentes, cada um com um leão no suporte; Nº74 - 1 aldraba; Portal manuelino da Misericórdia - 2 batentes, com espelhos de fechadura; S/n.º (frente à Misericórdia) - 2 batentes imobilizados, acabando numa espécie de martelo, e espelhos de fechadura com corações desenhados ao contrário, encimados por flor de lis; segundo o prof. Alexandre Laboreiro serão do séc. XVIII; Nº48 - Porta de madeira com 2 batentes, cujos suportes são cabeças de leão; Nº53 - 1 aldraba; Nº42 - 1 batente/ mão; Nº38 - 2 batentes/mão; Nº36 - Portão chapeado com 1 aldraba;



Porta da Misericórdia de Montemor-o-Novo: Espelhos de fechadura e batentes.



Rua do Poço Tapado, nº1 (Batentes em forma de cão).



Rua do Poço Tapado, nº3 (Batentes em forma de golfinho).

Nº34 - 1 aldraba; Nº30 - 2 batentes/ argola, cada um com uma cabeça de leão no suporte; Nº39-Porta de postigo com 1 aldraba; Nº27 - Portão com 1 aldraba; Nº19 - 1 batente em forma de aldraba com leão no suporte; Nº11 - 2 batentes forma de aldraba, com espelho de fechadura; Nº7 - Porta chapeada com 1 aldraba; Nº3 - 2 batentes/ mão;

#### **Rua das Farizes**

Nº10 - 1 aldraba;

#### **Rua do Quebra-Costas**

S/nº (em frente do 6-8) - Portão de madeira com 2 batentes em forma de argola; S/nº - 2 batentes em forma de aldraba avultada; Nº8 - 2 batentes/ mão; Nº10 - Puxador e espelho de fechadura;

#### **Rua de S. Vicente**

Nº12 -1 aldraba, cujo formato lembra uma andorinha; Nº10 - 2 batentes/ mão;

NOTA MUITO IMPORTANTE: Quando esta rua foi percorrida em 7 de Fevereiro, havia 2 martelos de porta no nº13. Decorridas cinco semanas, a porta jazia no chão, com os respectivos martelos, e, em seu lugar tinha sido colocada uma nova porta - de alumínio!

#### **Rua Joaquim Rodrigues Amaro( antiga Rua das Estoupas)**

Nº7 - 1 batente em forma de mão; Nº12 - 2 martelos de porta; Nº5 - Portão com cerca de 2 anos de construção, segundo a informação de uma vizinha colhida no local, apresentando 2 batentes em forma de aldraba gigante, S/n.º - 2 aldrabas; Nº2 - 1 aldraba;

#### **Travessa das Estoupas**

Nº6 - 1 batente/ mão; Nº3A -1 batente em forma de argola, com espelho de fechadura;

#### **Praça Dr. Miguel Bombarda (Antigo Terreiro do Corro)**

Nº30 - 2 aldrabas; Nº19 -2 batentes / mão; Nº14 - 1 batente/ mão (terão sido dois);

### Travessa do Arco

S/n.º - 2 batentes em forma de argola; espelhos de fechadura iguais ao n.º 2 da Rua Verde;

### Rua das Ricas

S/n.º (do lado do Castelo)-1 batente em forma de mão;

Nº14 - Porta chapeada com 1 aldraba; Nº13 (Porta com postigo) - 1 batente/ mão; Nº11 - 1 batente/ mão; Nº8 - 1 martelo de porta; Nº39 - 2 martelos de porta;

### Travessa do Salgado

Nº1 - Puxador trabalhado;

### Rua da Praça do Corro

Nº12A - 1 batente/ mão, Nº1 -1 batente em forma de argola com cabeça de leão no suporte;

### Travessa do Espírito Santo

Nº16 - 2 batentes forma de aldraba, com cabeça de leão no suporte; Nº17 - 2 batentes; Nº15 -1 martelo de porta "em forma de lágrima", segundo B. B.; Nº4 - 1 aldraba; Nº2 -2 batentes/ mão;

### Rua do Espírito Santo

Nº4 - 1 aldraba; Nº6 - 2 batentes/ mão;

### Rua 31 de Janeiro (antiga Rua dos Marmelos)

Nº16 - 1 batente em forma de mão(zinha); Nº5 - Portão velho com 1 batente/ mão; Nº10 - 1 aldraba; Nº8 - 1 batente/ mão; Nº4 - Portão de ferro com 2 aldrabas;

### Rua de S. Sebastião

Nº5 - Porta de madeira com 2 aldrabas; Nº3- Portão de 1906, com 2 batentes em forma de ferradura, cujos suportes são cabeças de cavalo. No dia da recolha desta informação, a proprietária, Maria José de Sousa Vacas de Carvalho Padeira Nunes afirmou que Padeira Nunes (PN) "é o nosso ferro", ou seja, símbolo através do qual o gado é reconhecido;



Batente com suporte de cabeça de leão.



Batentes em forma de ferradura, com suporte de cabeça de cavalo.

### Rua do Calvário

Nº29 (casa onde nasceu Curvo Semedo) -2 aldrabas com espelho de fechadura; Nº27 (mesma casa) - 2 aldrabas, uma das quais pouco gasta, ainda dourada; Nº19 - 2 aldrabas em forma de "gota gorda", para utilizar expressão de B.B.; Nº11 - Portão grande com 1 "aldrabinha", segundo aquela colaboradora; Nº9 - 2 batentes em forma de golfinho, semelhantes ao nº3 da Rua do Poço Tapado; Nº7 - 1 "martelinho" de porta, no dizer de Belmira B; Nº8 - 1 batente/ mão (seriam 2, pois ainda existe suporte e espera); Nº6 - 2 aldrabas num portão grande e chapeado, com espelho de fechadura; Nº4 - 2 batentes/ mão; Nº3 - 2 martelos de porta com desenho em espinha; verifica-se campainha; Nº2 - 2 martelos de porta com desenho que faz lembrar um osso; verifica-se campainha;

### Rua das Escadinhas

Nº7 - 1 batente em forma de aldraba; Nº7 A - batentes em forma de aldraba; Nº9 - 2 batentes em forma de aldraba; Nº11 -2 batentes com martelo redondo; Nº17 - 1 batente/ mão grande com anel, punho de renda e pulseira (de um segundo batente existe apenas o suporte e a espera); verifica-se campainha;

### Rua de Aviz

Nº1 - 2 aldrabas; Nº20 - 2 martelos de porta em forma de osso; Nº24 - 2 batentes em forma de coroa de louro; Nº28 - 1 martelo de porta em forma de osso; Nº35 - 2 batentes em forma de cabeça de leão; Nº48 - 1 batente em forma de ampulheta gorda na parte superior da porta; Nº58 - 2 batentes em forma de aldraba (novos); Nº61 - suporte em forma de cabeça de leão com 1 batente em forma de argola, entrelaçado na parte inferior; Nº63 - suporte em forma de cabeça de leão com 1 batente/ argola, entrelaçado na parte inferior; Nº67 - 2 batentes em forma de aldraba (novos); Nº68 -1 aldraba em portão chapeado; Nº72 - suporte em forma de cabeça de medusa com 1 batente em forma de ramagem; Nº71 - martelo de porta em forma de osso ladeado por 2 maçanetas; Nº4 - 1 batente/ mão;

### Largo Calouste Gulbenkian

Nº1- portão chapeado grande com 1 aldraba; Nº11 - portão com 1 aldraba; Nº12 - suporte em forma de cabeça de leão, com 1 batente/ argola com outra cabeça de leão mais pequena em baixo; Nº13 - 2 batentes em forma de aldraba; Nº13 A-2 batentes em forma de aldraba; Nº18 -2 batentes/ mão; Nº19 - 1 aldraba; Nº20 - 1 aldraba em porta velha e espelho de

fechadura encimado por cruz; Nº23 - 2 batentes em forma de aldraba; Nº27 - 1 martelo de porta em forma de osso; S/Nº - 1 batente com suporte de ampolheta gorda;

#### **Rua do Poço do Paço**

Nº2 - 2 aldrabas; Nº4 - 2 aldrabas e puxadores nas portas de um portão; Nº6 - 2 martelos de porta em forma de osso; Nº10 - 2 batentes trabalhados; Nº12 - 2 batentes trabalhados; Nº13 - portão com 2 aldrabas grandes e puxadores nas portas do portão; Nº14 - suporte em forma de cabeça de medusa com 1 batente em forma de ramagem; Nº17 - suporte em forma de cabeça de leão, com 1 batente/ argola com outra cabeça de leão mais pequena em baixo; Nº19 - 1 aldraba pequenina; Nº27 - 1 batente/ argola; Nº28 - 1 batente/ argola; Nº29 - 1 batente /argola; Nº30 - 1 batente/ mão; Nº35 - 1 batente/ argola, com espelho de fechadura a lembrar um lagarto; Nº36 - 1 batente/ mão; Nº56 - 1 batente em forma de aldraba (novo);

#### **Rua Dr. Horácio Macedo**

Nº4 - portão com 1 aldraba; Nº12 - portão com 1 aldraba grande; Nº15 - 2 batentes/mão; Nº19 - portão chapeado com 1 aldraba; Nº20 - 2 batentes / argola; Nº21 - portão com 2 aldrabas; Nº22 - portão velho e ferrugento com 2 aldrabas; Nº23 - portinha com postigo e 1 aldraba; Nº24 - portão com 1 aldraba; Nº28 - 1 batente/ mão na parte superior da porta (novo); Nº28 A - 1 batente/mão na parte superior da porta (novo); Nº29 - 1 batente superior com suporte de ampolheta gorda;

#### **Beco Bento de Jesus Caraça (Antigo Beco do Mercado)**

Nº3 - portão velho com 1 aldraba; Nº4 - 2 batentes/mão com anel no dedo anelar (o que é raro); Nº6 - portão com 2 aldrabas muito grandes; Nº8 - aldraba em portão; Nº10 - portão de quintal com 1 "aldrabinha"; Nº12 - portão com 1 aldraba grande na porta do portão; Nº16 (portão MQM) - 1 aldraba; Nº20 - 1 aldraba;

#### **Travessa das Pedrozas**

Nº1 - 2 martelos de porta tipo osso; Nº7 - 2 martelos, idem; Nº10 - 1 aldrab(inha) segundo a colaboradora deste inventário; Belmira Besuga escreveu na folha de recensão que este objecto, colocado em portão grande chapeado, se encontra "num plano muito baixo. Parece mãozinha de criança". Tem ferragem destacada por efeito geométrico de círculo donde emergem quatro pequenos losangos; Nº12 - 1 martelo de porta; Nº17 - 2 batentes / mão; Nº19 - 2 batentes / mão;



Montemor-o-Novo - Aldraba.

### Travessa dos Azulejos

S/nº - Portão chapeado com 1 aldaba;

### Rua do Caldeirão

Nº4 - 2 batentes em forma de mão;

### Rua do Pedrão

Nº51 - 2 martelos de porta; Nº34 - 2 batentes novos, que não têm a elegância dos velhos batentes; Nº22 - 2 martelos de porta; Nº31 - 1 batente/argola, com espelho, "novo muito trabalhado, tipo bronze velho", para recorrer às anotações da colaboradora deste levantamento; Nº29 - 2 argolas modernas; Nº25 (porta velha com postigo) - 1 aldaba muito abaixo e espelho de fechadura com parte de cima em forma de cruz "tipo cruz das caravelas", segundo Belmira; Nº16 - 2 batentes/ mão; Nº17 - 2 batentes/ mão; Nº14 - 1 aldaba, numa porta de madeira, apesar de haver campainha; Nº12<sup>A</sup> - 1 batente com suporte cabeça de leão e na zona do martelo tem cabeça humana; Nº13 - 2 batentes novos em forma de aldaba; Nº6 - 1 batente/ mão; Nº32 - batentes em forma de oito ou cabaça; NOTA: Nesta rua há muitas meias - portas.

### Rua 5 de Outubro

Nº30 - 2 batentes/ mão; Nº28 - 2 batentes / mão; Nº15 - 2 aldrabas em portão de ferro antigo; Nº14 - 1 batente em forma de cabaça ou oito, como no nº3 da Rua do Pedrão; Nº24 - 1 batente em forma de mão; Nº44 - 2 batentes/ mão e espelhos de fechadura configurando máscara como aquelas que são utilizadas na tragédia grega; Nº33 (porta de madeira de 1875) - 2 batentes / mão; Nº46 - 2 batentes/mão; Nº48 - 2 batentes iguais ao nº34 da Rua do Pedrão; Nº50 - 1 batente /mão; Nº52 - portão com espelho de fechadura que exhibe dois corações ao contrário e no cimo cinco flores de lis a formar cruz; Nº54 - espelho de fechadura idêntico ao nº52 e 2 batentes (o design destes é um quadrado vazo. O batente propriamente dito é tipo martelo de porta em forma de carimbo); Nº56 - vidé portão do nº52; Nº62 - 2 batentes / mão ("gordas", Belmira dixit); Nº66 - 2 batentes rectangulares ("Um integra a caixa do correio, o outro - sem função", escreveu B.B. na folha de recensão); Nº70 (Casa Paroquial) - 1 batente em forma de oito ou cabaça; Nº71 (idem) - 1 batente, idêntico ao anterior; Nº51 - 2 batentes/ mão, novos; porta de madeira com campainha; Nº55 - 1 batente / mão, apesar de campainha na porta; Nº76 - 2 batentes/ mão e 2 puxadores com

rostos humanos; Nº84 - portão com 20 almofadas e 1 aldraba Nº65 - 2 batentes; Nº94 - 1 aldraba e suporte doutra, que já não está na porta; Nº75 - 1 batente em forma de aldraba;

#### Rua das Pedras Negras

Nº6 - 1 batente/ mão; Nº8 - 2 martelos de porta em forma de osso; Nº5 - porta de madeira com 1 batente novo; Nos números 7, 9 e 11 - portas de madeira com puxadores, em forma de maçaneta; Nº13 - porta de madeira com 2 batentes/ mão; Nº32 (A Laranjinha) -2 aldrabas;

#### Travessa da Mata

Nº4 - Portão com 1 "mãozinha"; Nº3 - 2 aldrabas "ligadas com corrente e cadeado em portão de ferro muito antigo"; Nº7 - 2 batentes/ mão; Nº6 A - 1 batente com desenho tipo osso; Nº8 - 1 aldraba; Nº9 - 1 "mãozinha" (batente); Nº10 - porta chapeada com 1 martelo de porta; Nº12 - 2 aldrabas com espelho; Nº18 - 1 aldraba; Nº20 - 1 aldraba; Nº22 - 2 martelos de porta com desenho tipo espinha;

#### Rua 31 de Janeiro (antiga Rua dos Marmelos)

Nº15 - 2 batentes/mão, com dedos esguios; Nº20 - 2 martelos de porta em forma de osso; Nº22 - 2 batentes em forma de mão, com anel e rendinhas; Nº28 - 1 batente/ mão; Nº34 - 1 batente/ mão; Nº36 - 1 aldraba em porta velha de madeira; NOTA: Belmira Besuga escreveu que viu "mais de meia dúzia de portas de alumínio 5 das quais anodizadas;

#### Rua D. Vasco

Nº3 - 1 aldraba em porta velha de madeira; Nº8 - 2 batentes/mão com anel no dedo médio; Nº10 - 1 aldraba em portão chapeado; Nº11 - 1 martelo de porta em forma de osso; Nº11 A - 1 martelo de porta forma de osso; Nº18 - 2 martelos de porta forma de osso; Nº20 - 1 aldraba em porta de madeira velha; Nº28 - 2 martelos de porta forma de osso; Nº36 - 1 aldraba gorda; Nº38 - 2 batentes/ mão (muito gorda) com anel no dedo médio, folho e pulseira e 2 espelhos de fechadura; Nº46 - 1 aldraba; Nº46 A - 1 aldraba; Nº48 -1 espelho de fechadura com argolinha;

#### Rua da Condessa de Valença

Nº2 - 1 aldraba; Nº4 - 1 aldraba;

#### Rua da Calçada

Nº3 - 2 batentes novos em forma de aldraba; Nº9 - 1 martelo de porta em forma de osso;



Fernando Duarte (geógrafo) fotografa uma Aldraba, Montemor-o-Novo

#### **Rua dos Almocreves**

Nº6 - 1 batente em forma de aldraba; Nº7 - 1 batente/mão; Nº11 - 1 batente/mão; Nº14 - 1 aldraba; Nº17 - 1 aldraba Nº18 - 1 aldraba; Nº19 - 1 aldraba; Nº24 - 1 aldraba; Nº32 - porta de madeira (nova) com 2 batentes em forma de aldraba (novíssimas);

#### **Travessa dos Almocreves**

Nº2 - 1 batente em forma de mão;

#### **Rua da Paz (Antiga Rua da Mancebia)**

Nº15 - 1 martelo de porta forma de osso; Nº18 - 1 batente em forma de ampulheta; Nº25 - 1 aldraba recente; Nº27 - 1 aldraba recente;

#### **Rua do Chamorro**

Nº5 - porta de madeira, nova, com 2 aldrabas novas; Nº5B - portão de madeira, novo, com 2 aldrabas novas; Nº7 - porta de madeira, nova, com 2 aldrabas novas; Nº18 - porta de madeira com 1 batente em forma de argola grossa;

#### **Travessa José Gregório**

Nº4B - (ou nº6?) - portão chapeado, 1 aldraba grande; Nº11 - porta chapeada com 1 martelo em forma de osso;

#### **Rua Germano Santos Vidigal**

Nº34 - porta de madeira com 1 batente /mão; Nº21 - 1 aldraba que lembra garrafinha; Nº16 - 2 batentes/mão; Nº15 - 2 batentes/mão; Nº13 - 2 batentes/mão; Nº11 - 2 batentes/mão; Nº9 - porta de madeira nova, campainha e 2 batentes/ mão; Nº5 - 2 batentes em forma de mão e campainha;

#### **Rua Capitão Pires da Cruz**

Nº8 e n.º 4 - 1 batente, em cada, "em pseudo-espelho de fechadura encimado por cruz"; Nº17 - 2 aldrabas; Nº5 - porta com 1 suporte e 2 esperas de batente. O outro suporte foi arrancado;

#### **Rua dos Cavalos**

Nº4 - 1 batente/mão "colocado acima do nível normal"; Nº6 - 1-martelo de porta com desenho tipo osso; Nº8 - 1 martelo de porta com superfície lisa;

### Rua S. Miguel (esquina com Travessa dos Peões)

Nº1 - Portão grande com 4 aldrabas, duas em cima, duas em baixo e 4 espelhos de fechadura; O portão data de 1954 e tem gravado o *ferro* CA;

### Travessa dos Peões

Nº1 - Portão com 2 aldrabas; Nº3 - Portão com 2 aldrabas; s/n.º (ao lado das Galerias S. Pedro) - 2 aldrabas nas portas do portão e puxadores em forma de torneirinha; Nº14 - portão com portinha com 1 aldraba; Nº20 - porta chapeada com 1 batente em forma de argola; Nº26 - (solar da Giesteira) - portão com 4 aldrabas (2 maiores mais acima no portão e 2 mais pequenas ligeiramente abaixo nas portas do portão);

### Av. Gago Coutinho

Nº14 - 2 batentes em forma de aldraba estilizada e espelho de fechadura; Nº30 - 1 batente em forma de aldraba (novo); Nº32 - batente quadrangular aberto com martelo estilo carimbo; Nº36 - 1 batente em forma de oito; Nº38 - Portão com 1 aldraba; Nº48 - 4 aldrabas, todas ao mesmo nível, num portão, cujo distintivo - *ferro* - é VC (Vacas de Carvalho);

### Rua José Adelino dos Santos

Nº1 - 2 aldrabas estilizadas em forma de coração, espelho de fechadura (zoomórfico); Nº3 - 1 aldraba; 5 - 1 batente/mão; s/n.º - 1 batente em forma de ampulheta; Nº9 - 2 batentes em forma de aldraba; Nº11 - 1 aldraba; Nº13 - 1 batente /argola; 15 - 1 aldraba; Nº22 - 2 batentes/mão; Nº23 - 2 batentes/ mão; Nº25 - 1 batente/ mão; Nº26 - 1 batente/ mão; Nº31 - 1 batente em forma de aldraba; Nº32 - portão com 1 aldraba;

### Rua da Bandeira

Nº1 - martelo de porta liso; Nº2 - 1 aldraba; s/n.º - 1 batente em forma de aldraba (novo); portão s/n.º - 2 aldrabas diferentes; portão s/n.º - 1 aldraba; Nº8 - 1 martelo de porta em forma de espinha de peixe ou gravata; Nº11 - 1 aldraba nova em forma de oito; Nº12 - 1 martelo de porta em forma de osso;

### Rua de Lisboa (Antiga Rua de S. Lázaro)

Nº6 - 1 aldraba; Nº7A - 2 batentes /mão (zinha); Nº7 - B - 2 batentes iguais ao nº7A Nº9 - 2 batentes/ mão "gordíssima"; s/nº - 1 batente /mão (novo); Nº17 - 1 batente muito trabalhado (novo); Nº25 - 2 batentes/mão (novos); Nº28 - 1 martelo de porta em forma de gravata; Nº29 - 2 martelos de porta

forma de osso; Nº35 - 2 batentes grandes/argola (lisos); Nº36 - 1 batente em forma de cabeça de leão; Nº37 - 2 batentes grandes /argola (lisos); Nº39 - 1 batente; Nº40 - 2 batentes/argola; Nº41 - 1 batente igual ao nº18 da R. da Paz; Nº52 - 1 batente/mão; Nº68 - 1 aldraba; Nº76 - 1 batente/mão; Nº80 - 1 batente/ mão; Nº86-2 batentes /mão;

#### **Rua do Lavre**

Nº10 - portão com 2 aldrabas grandes; Nº11 - 2 batentes/ mão; Nº13 - 1 martelo de porta em forma de osso; Nº17 - 1 batente/mão; Nº19 - 1 batente/ mão; Nº21 - 1 aldraba;

#### **Rua de Alcácer**

Nº14 - (oficina do ferrador) 3 batentes em forma de ferradura com suporte de 2 cabeças de cavalo em relevo; Nº16 - portão - 1 aldraba; Nº20 - 1 aldraba; Nº30 - 2 batentes/ mão; Nº32 - 2 batentes/ mão;

#### **Rua das Piçarras**

Portão s/n - 1 aldraba; Nº8 - 1 batente/ mão; Nº44 - 2 batentes em forma de mãozinha; NOTA: Belmira Besuga escreveu o seguinte: "Rua onde há muitos puxadores e maçanetas";

#### **Rua das Flores**

Nº7 - 1 aldraba recente; Nº8 - 1 aldraba; Nº9 - 1 batente em forma de argola grossa; Nº11 - 2 batentes/ mão; Nº12 - porta chapeada com linguete ( apontamento de Belmira Besuga); Nº18 - 2 batentes/ mão; Nº20 - 2 aldrabas em porta de madeira; Nº21 - porta chapeada com 1 aldraba nova; Nº22 - 1 aldraba em porta velha de madeira; Nº27 - 2 martelos de porta em forma de osso;

#### **Beco das Flores**

Nº1 - 1 batente liso; Nº2 - 2 aldrabas; Nº6 - 1 batente em forma de mão;

#### **Largo Alexandre Herculano (Antigo Terreiro dos Álamos)**

Nº11 - 1 batente em forma de ampulheta; Nº16 - 1 aldraba;

#### **Rua Curvo Semedo**

Nº6 - 1 batente em forma de aldraba; Nº10 - 1 batente/ aldraba; Nº14 - 2 batentes em forma de aldraba; Nº24 - Portão chapeado com 1 aldraba; Nº26 - Portão com 4 batentes grandes (recentes);

### Travessa da Cruz da Conceição

Nº3 - 2 batentes, forma de aldraba; portões Custódio Alves (Fábrica de Azeites/ 1956) um com 4 aldrabas grandes em forma de coração deitado; outro portão (da mesma casa) - 1 aldraba; mais um portão - 1 aldraba; Nº13 - portão com 2 aldrabas;

### Rua da Conceição

Nº2 - 1 aldraba; Nº4 - portão, 2 aldrabas grandes e 1 aldraba pequena; Nº4B - 3 aldrabas; Nº9 - porta de madeira, 1 batente/ argola no cimo, a meio; Nº14 - Portão, 2 aldrabas; Nº15 - 1 aldraba; Nº18 - 1 espelho de fechadura, sem batente, aldraba ou martelo; Nº34 - 2 aldrabas; Nº36 - 2 aldrabas;

### Rua Comandante Fragoso

Nº1 - portão com 2 aldrabas; Nº5 - 1 aldraba; Nº7 - portão com 2 aldrabas;

### Rua dos Bombeiros Voluntários

Todas as portas (12) são de alumínio!

### Rua Sacadura Cabral

Nº2 - suporte de cabeça destacada, de leão, com 1 batente/ argola com ramagem; Nº10 - portão ferrugento com 2 aldrabas grandes; Nº11 - 1 martelo de porta, forma de osso; Nº13 - suporte standardizado com cabeça de leão e 1 batente, forma de aldraba terminando com cabeça de leão; Nº22 - portão chapeado com 1 aldraba grande; Nº24 - batente/ argola (liso); Nº28 - 2 aldrabas, espelho de fechadura; Nº35 - porta de alumínio a imitar madeira com 1 batente/mão, antigo; Nº39 - portão de palacete (IJF, 1937) 2 aldrabas e nas portas do portão puxadores em forma de torneira;

### Rua Brito Pais

Nº5 - 2 batentes em forma de aldraba;

### ZONA DE VIVENDAS, PERTO DO HOSPITAL SÃO JOÃO DE DEUS

### Rua Albino Pimenta de Aguiar

Nº6 - 2 batentes/ mão; Nº8 - portão chapeado JAF, 1949, com 2 aldrabas; Nº1 - 2 batentes/mão; Nº26 - 2 batentes/ mão; Nº30 - portão chapeado com 1 aldraba; Nº32 - 2 batentes em forma de ampolheta estreitos; Nº34 - portão chapeado com 1 aldraba;



Montemor-o-Novo, Ruinha. Portão.

### Rua Irmão João José

Nº2 - 1 batente/ mão(zinha); Nº4 - 1 batente igual; Porta ao fundo (rua sem saída) - 1 aldraba;

### Rua do Hospital

Velho palacete - 2 batentes / mão; Nº79 - 2 batentes em forma de aldraba (novos);

### LEVANTAMENTO COMPLEMENTAR DO CASAL ISABEL E JOSÉ ALDINHAS

#### Ruinha

Nº47 - portão de ferro de 4 aldrabas (pertence à casa Vacas de Carvalho, com frontaria para a Av. Gago Coutinho e deve ter à volta de 50 anos; Nº45 - 2 puxadores <sup>61</sup> oblíquos; Nº43 - 2 puxadores oblíquos; Nº41 - 2 puxadores quadrados; Nº39 - 2 puxadores lisos verticais; Nº35 - 2 puxadores redondos; Nº35 A - 1 aldraba (antiga); Nº35 - 2 puxadores oblíquos; Nº33 - 2 puxadores oblíquos; Nº31 - 2 puxadores redondos; Nº29 - casa velha com meia-porta e 1 maçaneta; Nº27 - 1 puxador oblíquo; Nº25 - 2 puxadores redondos; Nº23 - 1 puxador vertical; Nº21 - 1 puxador redondo; Nº19 - 1 batente em forma de mão; Nº17 - 1 aldraba moderna; Nº15 - 1 puxador quadrado; Nº13 - 1 batente em forma de mão; Nº11 - 2 aldrabas modernas; Nº9 - garagem com 1 aldraba; Nº7 - 2 puxadores horizontais; Nº5 - 1 aldraba moderna; Nº3 - 1 aldraba moderna; Nº1 - 1 puxador vertical; Nº46 - 2 puxadores modernos; Nº44 - 1 aldraba (antiga); Nº40 - 2 puxadores redondos; Nº38 - 1 puxador quadrado; Nº36 - 2 puxadores oblíquos; Nº34 - 2 puxadores redondos; Nº32 - 1 aldraba (antiga); Nº30 - 2 puxadores oblíquos; Nº28 - 2 puxadores redondos; Nº26 - 1 puxador horizontal; Nº24 - 1 puxador redondo; Nº22 - 1 batente em forma de osso ou gravata; Nº20 - 1 puxador redondo; Nº18 - 1 puxador oblíquo; Nº16 - 1 puxador redondo; Nº12 - 2 puxadores redondos; Nº10 - portão com 1 aldraba (antiga); Nº8 - 1 puxador horizontal; Nº6 - 1 puxador redondo; Prédio moderno s/nº-2 aldrabas modernas; Nº2 - A 1 aldraba moderna;

#### BIBLIOGRAFIA:

##### LIVROS:

AAVV (2002) "O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve", edição Instituto Português do Património Arquitectónico - Direcção Regional de Faro.

AAVV (2002) "A Terra o Homem o Pão Actas do I Congresso Português de Cultura Mediterrânica", edição Confraria do Pão.

AAVV (2002) "Architecture Traditionnelle Méditerranéenne", Barcelona, Commission Européenne Meda - Euromed Heritage Corpus.

AAVV (2000) "Estoi, Um Olhar Sobre o Património", IN LOCO.

AAVV (2000) "Saberes da Vida Memórias de Antigas Profissões", Câmara Municipal do Bombarral e Museu do Bombarral.

AAVV (2000) "A Casa Islâmica", Câmara Municipal de Faro.

AAVV (1999) "El Trabajo en la Antigüedad: Útiles y Herramientas", Madrid, Museo Arqueológico Nacional.

AAVV (1997) "Memórias Árabo - Islâmicas em Portugal", Comissão Nacional das Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

AAVV (1995) "As Idades do Ferro", Lisboa, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

AAVV (1995) "Tunisie Un Patrimoine Inédit", Institut du Monde Arabe/ Éditions de L'Amateur.

AAVV (1990) « Ojos de Cerradura en la Ribera del Duero » Certamen Nacional de Fotografía sobre Artes y Tradiciones Populares, Madrid, Ministerio de Cultura, Dirección General de Cooperación Cultural.

AAVV (1988) "La Tunisie", Paris, Librairie Larousse.

AAVV (1986) "Dicionário Prático Ilustrado, Porto, Lello.

AAVV(1985) "Artes e Tradições da Região do Porto", Direcção Geral de Comunicação Social, pp. 251-270.

AAVV (1984) "Artes e Tradições de Bragança", Lisboa, Direcção Geral de Divulgação.

AAVV (1984) "Artes e Tradições de Vila Real", Lisboa, Dir. Geral de Comunicação Social.

AAVV (s/d) "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", volume I, Lisboa - Rio de Janeiro, ed. Enciclopédia Ltda.



Aldraba da porta do Castelo de Silves.

- ABDALLAH, Chadly Ben (1988) "Fêtes Religieuses et Rythmes de Tunisie", Tunis, J.P.S. Editions.
- ALERO, Aurelio Cid; GRAMMATICO, Daniel (2000) "L'Alhambra vue de près", Edilux.
- ALMEIDA, José Augusto de (s/d) "Espelhos de Portas de Ovar", Museu de Ovar.
- ALVES, Adalberto (2001) "A Herança Árabe em Portugal", Lisboa, ed. CTT.
- (1999) "Portugal Ecos de um Passado Árabe", Instituto Camões.
- (1997) "Nítido Crescente", Lisboa, Hugin.
- (1991) "Portugal e o Islão Escritos do Crescente", Lisboa, Teorema.
- (1991) "O Meu Coração é Árabe", Lisboa, Assírio & Alvim.
- ARAGÃO, Leonor Osório de Castro Trigueiros de (1994) "Quintãs Uma Aldeia da Beira Baixa", Fundão, ed. Autor.
- BOUHDIBA, Abdelwahab (1986) "La Sexualité en Islam", Paris, Quadrige/PUF, 4ª edição.
- BOSCHÈRE, Guy de (2001) « Sidi Bou Saïd Coline des poètes et des saints », Tunis, Cérès éditions.
- CIRLOT, Eduardo (2000) "Dicionário de Símbolos", Lisboa, D. Quixote.
- COELHO, António Borges (1989) "Portugal na Espanha Árabe", volumes 1 e 2, Lisboa, Caminho, 2ª edição;
- (1986) "Questionar a História", Lisboa, Caminho.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANDT, A. (1994) "Dicionário dos Símbolos", Teorema, Lisboa.
- CORREIA, Alberto (s/d) "Arnaldo Malho Ferros Forjados de Viseu", ed. Comissão da Feira de S. Mateus.
- COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio (1999) "Dicionário de Língua Portuguesa", Porto Editora, 8ª edição.
- EÇA, Maria Natália Almeida d' (1998) "Roteiro Artesão Português Trás-os-Montes e Alto Douro", Porto.

- ELIADE, Mircea (1987) "Ferreiros e Alquimistas", Relógio d' Água.
- FANTAR, M'Hamed (1989) "Le Bardo un palais un Musée", Tunis, Alif.
- FERNANDES, Maria José (2002) "O Meu Amor é Árabe", ed. Autora.
- FONTES, António Lourenço(1992) "Etnografia Transmontana, vol.II O Comunitarismo de Barroso", ed. Domingos Barreira.
- GIL, Júlio; CABRITA, Augusto (1984) "As Mais Belas Vilas e Aldeias de Portugal", Verbo, 2ª edição.
- GOURHAN, André-Leroi (1987) "O Gesto e a Palavra 2 Memória e Ritmos", Lisboa, ed. 70.
- KARAOUI, Ahmed (1984) «Guide de Sidi Bou Saïd», Tunis, ets A. Ben Abdallah.
- KNOPFLI, Rui (1989) "A Ilha de Próspero, Roteiro Poético da Ilha de Moçambique", Lisboa, ed. 70, p. 67.
- LACOUÉ-LABARTHE, Marie France; GÉMIN, Pierre (2000) "Heurtoirs de Bordeaux", Pau, ed. Princi Réguer.
- LIMA, Augusto César Pires de (1947) "A Arte e os Ofícios nas Tradições Populares", Porto, ed. De "Portucale", pp. 13-33;
- LIMA, Fernando de Castro de Pires de (s/d) "A Arte Popular em Portugal", 1º volume, pp.51, 184-185, 200-201.
- MACHADO, Francisco Valente (1977) "As Ruas de Vila Verde de Ficalho Depois da sua Última Restauração Cerca de 1670", edição Biblioteca - Museu de Vila Verde de Ficalho.
- MACHADO, José Pedro (1991) "Vocabulário Português de Origem Árabe", Lisboa, editorial Notícias.
- (1977) "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", Lisboa, Livros Horizonte.
- MACIAS, Santiago (1996) "Mértola Islâmica", Campo Arqueológico de Mértola.
- MERNISSI, Fátima (1998) "Sonhos Proibidos Memórias de um Harém de Fez", Porto, Asa.



Pica-Puerta. S. João das Arribas (Miranda do Douro).



Pormenor.



Tunísia

- MORRIS, Desmond; COLLET, Peter; MARSH, Peter; O'SHANGHNESSY, Marie (s/d) "Os Gestos Suas Origens e Significado", Publicações Europa América.
- SILVA, António de Moraes (1987) "Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa", Confluência.
- SILVA, Maria Carneira da (1999) "Um Islão Prático", Oeiras, Celta.
- TENGARRINHA, Margarida (1999) "Da Memória do Povo", Colibri.
- TORRES, Cláudio (2001) "A Civilização Islâmica- última síntese Mediterrânica", in "Museu de Mértola. Arte Islâmica", Campo Arqueológico e Câmara Municipal de Mértola.
- TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (2001) "Apogeu da Civilização Islâmica no Ocidente Ibérico" in "Memória de Portugal O Milénio Português", coordenação de Roberto Carneiro, Círculo de Leitores.
- (1998) "O Legado Islâmico em Portugal", Círculo de Leitores.
- (s/d) "O Islão entre o Tejo e Odiana", Campo Arqueológico de Mértola, Associação de Defesa do Património de Mértola e Comissão de Coordenação da Região Alentejo.
- (1993) "O Garb-Al-Andaluz", "História de Portugal 1 Antes de Portugal", coord. José Mattoso, Estampa.
- TRESIDDER, Jack (2000) "Os Símbolos e o seu Significado", Círculo de Leitores.
- TREASE, G. (1986) "O Relógio da História," Lisboa, Verbo, pp. 52-53.
- VARANDA, Fernando (2002) "Mértola no Alentejo Tradição e Mudança no Espaço Construído", Assírio & Alvim.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1983) "Etnografia Portuguesa", volume II, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- (1983) "Etnografia Portuguesa", volume VI, Lisboa, IN- CM.
- (1988) "Etnografia Portuguesa", volume X, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- VENTURA, Maria da Graça A. Mateus (2002) "O Mediterrâneo Ocidental: Identidades e Fronteira", Colibri.

ZANNAD, Traki (1984) "Symboliques Corporelles et Espaces Musulmans", Tunis, Cérés Productions.

**ARTIGOS:**

AAVV (1997) "Architecture Méditerranéenne Tunisie La Medina de Tunis Ville du Patrimoine Mondial (vieux quartiers vie nouvelle)", Marseille, ed. RK.

ALYA (2002) "Porte-Bonheur L'Essentiel est d'y Croire", revista da TUNISAIR, Outubro de 2002, pp. 68-69.

BAPTISTA, Augusto (1990) "Salvem os Batentes", "Visão", 10 de Março, pp. 50-51.

BENFOUGHEL, Tatiana (1996) "Entre Tradition et Modernité", "Qantara", n.º20, Julho/Setembro, pp.42-46.

CAEIRO, Maria do Rosário (2002) "Em casa de ferreiro, espeto de salgueiro, uma abordagem ao ofício de ferreiro", "Almanson", n.º1, 2ª série, pp.231-254.

CORREIA, Vergílio (1915) "Arte Popular Portuguesa III Construções e objectos em que se manifesta", "Águia", 2ª série, 48, pp. 239- 249.

FELGUEIRAS, Guilherme (1936) "Velha Indústria de Ferraria Escudetes Antigos", "Portucale", vol. IX, Maio/Agosto, n.ºs 51-52, pp. 100-103.

----- (1944) "Estremadura e a sua velha indústria de Ferrarias A Arte nas obras de Forja", "Estremadura", boletim da Junta de Província, Maio/Agosto 1944, série II, n.º VI, pp. 229-239.

LOPES, Pedro (1999) "Algumas Notas sobre as Artes do Ferro", "Vilas e Cidades", Julho, pp. 46-52.

MAÇARICO, Luís Filipe (1999) "A Personalidade Poética do Alentejano", "Arquivo de Beja", vol. X , série III, Câmara Municipal de Beja, Abril de 1999;

----- (2000) "Aldrabas e Globalização", "Folha de Montemor", n.º 138, Outubro.

----- (2001A) "As Aldrabas de Lisbuna", "A Voz do Operário", n.º 2859, Janeiro.

- (2001B) "Um Património Quase Invisível", "Jornal do Fundão", 9 de Fevereiro.
- (2001C) "Moreanes e as suas Aldrabas", "Diário do Alentejo", 22 de Junho, p. 7.
- (2001D) "Os Segredos da Aldraba", "Rosa Albardeira," nº6, Outubro/Novembro, p.6
- (2002) "Aldrabas: Jóias do Património e da Identidade", "Gesto", revista do Círculo Artístico e Cultural Artur Bual", n.º 4, pp. 35-36.
- (2003) "A Função Antropológica da Aldraba. Da Origem Simbólica à Morte Funcional", "Arqueologia Medieval", n.º 8, Porto, Afrontamento, pp.301-312;
- (2003A) "Preservação do Património, salvaguarda da identidade: o caso das aldrabas", "Memória Alentejana", n.º 8, Primavera 2003, pp.25-26; "Alma Alentejana", n.º 14, Agosto/ Novembro 2003, pp. 6-7.
- MAÇARICO, Luís; OLIVEIRA, Vanda; COSTA, Leonel (2004) "O Património Invisível e a Preservação da Memória. Aldrabas e Batentes em Três Freguesias de Loures", comunicação às V Jornadas Saloias, Museu da Cerâmica, Sacavém; 4 de Dezembro de 2004.
- NOBRE, José António (2003) "Os Pica - Puortas em Terra de Miranda", "Brigantia", volume XXIII, n.º 1/2, Janeiro/Maio, pp.23-34;
- NUNES, Mário (1983) "Subsídios para uma Reflexão sobre o Património Cultural", "Mundo da Arte", n.º 13, Março 1983.
- OLIVEIRA, Catarina (2003) "Ferreiros e Ferradores em Montemor-o-Novo. A Memória e o Futuro", "Memória Alentejana", n.º 8, Primavera 2003, pp. 22-24.
- SILVA, J. Palminha (2001) "Portas de Évora", "Diário do Sul", 21 Agosto, pp.10-11.
- VASCONCELLOS, J. Leite "Aldrabas de Ferro", "Boletim de Etnografia", n.º1, Lisboa, Imprensa Nacional, MCMXX.
- (1923) "Espelhos de portas", "Boletim de Etnografia", n.º2, Lisboa, Imprensa Nacional.

VIANA, Abel (1956) "Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo", "Arquivo de Beja", vol. XIII, Beja, pp. 110-138.

#### **CATÁLOGOS E FOLHETOS:**

AAVV (1996) "Vieux Quartiers vie Nouvelle", Municipalité de Tunis e Association Sauvegarde de la Medina de Tunis.

MORATO, Francisco (1999) "Técnicas Artesanais do Nordeste Algarvio", ed. Alcance- Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Alcoutim.

"Memórias do Trabalho", (s/d) Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

"Portugal Islâmico os últimos sinais do Mediterrâneo", (1998?) catálogo da exposição, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 266-267.

#### **MULTIMÉDIA**

MAÇARICO, Luís Filipe (selecção e legendagem); DUARTE, Fernando (recolha fotográfica e digitalização); BESUGA, Belmira Alves (colaboração na recolha e inventariação) (2003) "Roteiro das Aldrabas e Batentes de Montemor", CDRoom produzido, aquando da realização do Encontro "Montemor: Migrações e Reinvenção do Quotidiano", 5 - 4- 2003.

#### **DEPOIMENTOS:**

ALDINHAS, Isabel e José, 2002/2003.

ALVES, Adalberto, carta, 6-6-2001;

GHOMRASNI, Mabrouk, Djerba, Outubro 2002.

FERNANDES, Maria José Lascas, 2002/2003.

KOUNIALI, Béchir, Djerba, Outubro 2002.

LABOREIRO, José Alexandre, Montemor-o-Novo, 9-3-2001.

OMRANI, Salem, Lisboa, Abril 1999.

OMRANI, Taïeb, Tozeur, Janeiro 2001.

VINAGRE, Alexandre Pirata, 2003;

YOUSSEF, Lisboa, Novembro 2002.

#### **WEBGRAFIA:**

<http://planeta.clix.pt/jjn/portugues/dicionario.htm>.  
<http://www.angelfire.com/Oh2/magiepuce/symbole.html>.  
<http://www.media-international.net/ethno/ecoles/rabat/theme3/theme3a.shtml>.  
<http://www.atlasnet.netma/amf/fiches/portmaroc.htm>.  
[http://www.mas.ma/fes\\_hg5.htm](http://www.mas.ma/fes_hg5.htm).  
<http://www.southbazar.com/infor/tecnic/mdocni.htm>.  
[http://www.capmaroc.com/histoire\\_metaux.asp](http://www.capmaroc.com/histoire_metaux.asp).  
<http://www.chez.com/nef2/galerie.htm>.  
[http://www.raken.com/info/fr/historique/fer\\_forge.asp](http://www.raken.com/info/fr/historique/fer_forge.asp).  
<http://www.postelecom.dz/philatelie/heurt.html>.  
<http://members.aol.com/vieilalger/maison.htm>.  
[http://users.skynet.be/SMH/Fr/musee/tradi\\_pop.htm](http://users.skynet.be/SMH/Fr/musee/tradi_pop.htm).  
[www.eifo.com.br](http://www.eifo.com.br).  
<http://www.prof2000.pt/users/rumatos/netinsua/lendas.htm>.  
<http://www.multihotel.com/trigueirão/v1n6/v1n6-art3.htm>.  
[http://saintprivat.free.fr/ar\\_heurt.html](http://saintprivat.free.fr/ar_heurt.html).  
[http://saintprivat.free.fr/ar\\_temps.html](http://saintprivat.free.fr/ar_temps.html).  
<http://perso.wanadoo.fr/traditionatavenir/main15.htm>.  
<http://perso.infonie.fr/phil-levasseur/heurtoris/heurt1.htm>.  
<http://www.elementa.asso.fr/dom3.htm>.  
[http://members3.clubphoto.com/gatt248139/HEURTOIRS\\_DE\\_PORTE/incons.phtml](http://members3.clubphoto.com/gatt248139/HEURTOIRS_DE_PORTE/incons.phtml).  
<http://loiaduffar.multimania.com/AixenProvence/Portes%20anciennes/pp.../ppage35.ht>.  
[http://www.harissa.com/D\\_forum/loriginedelaKhamsa.htm](http://www.harissa.com/D_forum/loriginedelaKhamsa.htm).  
<File://A:\main%20de%fatima%201.htm>  
<http://aaldraba.blogspot.com>

## NOTAS:

1. Texto escrito em 19-4-2003
2. in "Um Islão Prático", Celta, 1998, p. 60.
3. Estas reflexões foram escritas entre 5-5-2002 e 22-8-2002.
4. Desmond Morris e outros in "Os Gestos Suas Origens e Seu Significado", Publicações Europa - América, p. 199.
5. in Etnologia Portuguesa, volume X, 1988, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 146.
6. in "Da Memória do Povo", Colibri, 1999.
7. In "Fêtes Religieuses et Rythmes de Tunisie", J.P.S. Editions, 1988, pp. 125, 131 e 188.
8. Morábitos: monumentos funerários em forma de cubo, terminando em abóbada, que celebram um Sidi (eremita sacralizado) acontecendo a sua construção, como tive oportunidade de confirmar, junto do professor Cláudio Torres, ao mesmo tempo, no Norte de África e aqui, os quais serão em território português, no dizer de Adalberto Alves em "A Herança Árabe em Portugal" na ordem das centenas, testemunhando a presença árabe por cá.
9. in "Porte-bonheur L'essentiel est d'y croire", p. 69.
10. Quadras de Arnaldo Malho, ferreiro de Viseu, in Correia, Alberto "Arnaldo Malho Ferros Forjados de Viseu", edição Comissão da Feira de S. Mateus, p. 17.
11. "Ferreiros e Alquimistas", Relógio d'Água, 1987.
12. [www.ac-grenoble.fr/lycee/boissy.anglas/enseignedivers/siteArts/metal.htm\\_10k](http://www.ac-grenoble.fr/lycee/boissy.anglas/enseignedivers/siteArts/metal.htm_10k)
13. AAVV (2000) p. 25.
14. "Ferreiros e ferradores em Montemor-o-Novo. A Memória e o Futuro", in "Memória Alentejana" nº 8, Primavera 2003, pp. 22-24.
15. "Artes e Tradições de Bragança", Direcção Geral de Divulgação, Lisboa, 1984, p. 148.
16. "Etnografia Transmontana", vol. II, ed. Domingos Barreira, 1992, p. 199.



Porta de Tozeur (Sul da Tunísia).

17. [http://www-adcmoura.pt/html/prod\\_metal\\_02.htm](http://www-adcmoura.pt/html/prod_metal_02.htm)
18. vidé "Os Símbolos e o seu Significado" pp. 50-51.
19. Idem, p. 54 e 62.
20. Ibidem, p. 67.
21. Jack Tresidder, Op. Cit. P. 58.
22. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (s/d), Lisboa- Rio de Janeiro, ed. Enciclopédia, Lt<sup>a</sup>, vol I, pp.836-837.
23. Ao telefone, em 23 de Janeiro de 2003.
24. No livrinho "Alpedrinha" editado em 1988 pela Junta de Freguesia de Alpedrinha, Liga dos Amigos de Alpedrinha e Casa do Povo de Alpedrinha, lê-se que "tanto a casa como o pátio eram privilegiados, pois estavam isentos de justiça real. No portão que dá entrada ao pátio, existia uma argola de ferro, a que bastava qualquer deitar a mão para o não poderem prender." António José Salvado Motta, autor da Monografia d' Alpedrinha, publicada em 1933, refere nas páginas 356-357, a propósito da "Casa do Pátio" o já relatado episódio da argola "salvadora", acrescentando "e era no dito pátio que se escapavam muitos mancebos ao serviço militar, no tempo em que o recrutamento era feito a "gancho", como se dizia"...
25. in "Arqueologia Medieval" nº 8, Afrontamento, Maio 2003, pp. 301-312.
26. <http://www.chez.com/nef2/galerie/htm>
27. O artigo atrás citado documenta com vários exemplos esta constatação, patente também no "Dicionário dos Símbolos".
28. In AAVV (2002) "Architecture Traditionnelle Méditerranéene", Barcelona, p. 50
29. "Los artesanos andalusíes fueron hábiles en la aplicación de estos conocimientos (metalúrgicos). Sus nociones de alquimia, término árabe que deriva a su vez de la palabra griga "mezcla", se identifican con las experiencias de carácter intuitivo que precedieron al desarrollo formal de la química moderna", in AAVV (1999) "El Trabajo en la Antigüedad: Útiles et Herramientas", Madrid, Museo Arqueológico Nacional, p. 38.
30. <http://philippe.maday.free.fr/heurtoirs.htm> (pesquisado em 11-4-2003)



Arabes da Medina de Tozeur; Tunísia,

31. <http://members.lycos.fr/musheurtoir/> (pesquisado em 11-4-2003)
32. O E-Mail do colectivo para um Museu Virtual da Aldraba é [musheurtoir@ifrance.com](mailto:musheurtoir@ifrance.com)
33. <http://aaldraba.blogspot.com>
34. Em parceria com a socióloga Vanda Oliveira e o arquitecto Leonel Costa, foi apresentada no Museu da Cerâmica, Sacavém, em Dezembro de 2004 a comunicação "O Património Invisível e a Preservação da Memória. Aldrabas e Batentes em três freguesias de Loures"
35. [http://saintprivat.free.fr/ar\\_temps.html](http://saintprivat.free.fr/ar_temps.html) (pesquisado em 9-7-2001)
36. [http://saintprivat.free.fr/ar\\_heurt.html](http://saintprivat.free.fr/ar_heurt.html) (pesquisado em 9-7-2001)
37. "Pendant très longtemps, les seuls édifices d'importance furent ceux qui étaient liés au pouvoir religieux ou civil. C'étaient également les seuls dont les portes soient l'objet d'un décor architectural et dont les vantaux puissent éventuellement s'enrichir d'un heurtoir". in Lacoue-Labarthe, Marie France e Gémín, Pierre (2000) « Heurtoirs de Bordeaux », Princi Réguer, p. 37.
38. Op. Cit. p. 31.
39. Op. Cit. p. 32.
40. Op. Cit. pp. 31-32.
41. "Avant Propos" in "Des Portes à Ouvrir...", Pézenas, Domens, 2001.
42. Tradução livre de excertos de poemas que acompanham a documentação fotográfica (a preto e branco) apresentada por Philippe Derckel em "Des Portes à Ouvrir..."
43. O documento, da autoria da turma 3 do 1º curso da Escola Preparatória Diogo Cão incluía frases como "Não os Pinte", "Não os tire das portas", "proteja os batentes são peças antigas" Outra frase: "Não substitua os batentes antigos que estão nas portas da sua casa"



Aldraba, da Travessa da Trabuqueta, em Lisboa.

por campanhas, porque ao fazer isso está a destruir peças que pertencem ao nosso Património Cultural.” In “Artes e Tradições de Vila Real”, Lisboa, Direcção Geral de Divulgação, 1984.

44. “Mundo da Arte” nº 13, Março 1983 “Subsídios para uma Reflexão sobre o Património Cultural”, p. 31.

45. Idem, p. 34.

46. Ibidem, p. 45.

47. In “Salvem os Batentes”, “Sábado”, 10-3-1990, pp. 50-51.

48. Em 18-5-2003, registei nos meus apontamentos o seguinte: “A Vidigueira é ainda um dos sítios do Alentejo, onde se podem admirar vários exemplares de aldrabas e batentes elegantes e com grande beleza, que maravilham o olhar.”

49. Isabel Aldinhas expôs no átrio dos Paços do Concelho de Montemor-o-Novo, com Manuel Casa Branca e Leitão Coxixo, em 5 de Abril de 2003, no âmbito do X Encontro do CEDA e Guika, no Espaço Grandella, do Museu República- Resistência, na colectiva “Momentos Alentejanos” (Maio/Junho).

50. “Uma vila alentejana no antigo regime”, Almansor, nº 4, pp. 119-207;

51. Inquérito efectuado em 25-11-2003.

52. Inquérito em 25-11-2003.

53. Em finais de Novembro de 2003, participei num congresso em Miranda do Douro, organizado pelo pólo local da Universidade de Trás-os-Montes (“Leituras Antropológicas de Trás-os-Montes”) e qual não foi a surpresa, quando o vice-presidente da Câmara Municipal de Miranda, recebeu os congressistas com estas palavras, em mirandês: “*Dius bos dê bounos dius. Recibomo-bos de braços abiertos e siem aldrabas nas portas*”. No final da sessão de abertura, dirigi-me ao sr. António Carção que redigiu a sua frase, aqui transcrita, num papel que era pretexto para confirmar o que escutara.

Porém, e durante a estadia, verificou-se a presença residual de batentes, aldrabas e espelhos de fechadura, na sede do concelho, pois apenas no museu, numa companhia de seguros, em edifícios religiosos e pouco mais, se preservam os tesouros que os ferreiros deixaram, os quais foram desaparecendo, por incúria daqueles que deveriam defender o património e

cumprir a legislação que salvaguarda os centros históricos das ameaças à sua dignidade ancestral.

Interrogados sobre este assunto, alguns estudantes da UTAD e eruditos locais informaram que nas aldeias esses materiais serão ainda em quantidade apreciável e que os habitantes da cidade os teriam retirado das antigas portas de freixo, castanho, olmo e negrilho, por quererem romper com o passado de isolamento e miséria, ostentando materiais recentes, enquanto sinais exteriores de melhoria de vida.

Durante a viagem, a camioneta que me trouxera de Lisboa, num percurso de quase dez horas, entrou no interior de centros urbanos, nos quais o alumínio impera e onde, a exemplo do que se verifica em Miranda, já só existem maçanetas e puxadores sem beleza. A professora **Ana Isabel Afonso**, da Universidade Nova, investigadora das transformações verificadas em Sendim, referiu que esta vila tinha muitos ferreiros. Nas últimas décadas, e segundo aquela antropóloga, por influência dos emigrantes, a casa rural deu lugar a verdadeiras mansões, e agora as mulheres, chegam a ter de cuidar da limpeza e manutenção de dez divisões. Efectivamente, a frase de António Carção, ainda que metafórica, relativamente à hospitalidade transmontana, acabou por ser premonitória, no que concerne à realidade.

54. *Idem*.

55. *Ibidem* (todos estes depoimentos foram recolhidos pelo telefone...)

56. Sinal de um visível interesse em valorizar o património, saúda-se a iniciativa, que possibilitou esta publicação. Efectivamente este artigo pretende participar no esforço e preocupação de guardar traços da própria história da cidade. Em Montemor, olhar e ver não significam a mesma coisa...

57. 7 de Fevereiro e 15 de Março.

58. As estadias maiores corresponderam à frequência do 2º e 3º Cursos da Universidade de Verão, respectivamente em Setembro de 2000 e 2001. As primeiras impressões, causadas pela descoberta de um portão chapeado com 3 aldrabas, dispostas segundo uma tradição verificada em Marrocos e na Tunísia, levaram-me a escrever um texto intitulado "Aldrabas e Globalização", divulgado em vários órgãos da imprensa regional.

59. A aldraba é funcional, se, além de servir para bater à porta, função pri-

mordial do batente, cumprir com a eficácia reservada às aldrabas, de accionar uma tranqueta que segura a porta do lado posterior, abrindo e fechando por dentro portas e postigos.

60. A designação do batente foi formulada pelo Dr. Fernando Duarte em 27-3-2003; A confirmação do nome da rua e do nº da porta foi efectuada pela Dra. Visitação Laboreiro, em 28-3-2003.

61. Esta terminologia consta de um levantamento complementar na Ruína, produzido pelo casal Isabel e José Aldinhas, que em 13 de Janeiro de 2004 escreveram uma carta, contendo o manancial informativo correspondente àquela rua, na qual acrescentam que "Esta rua tem bastantes casas ainda de rés-de-chão e de aspecto modesto, mas algumas já com portas em alumínio e por esse motivo perderam as suas velhas portas e certamente com elas desapareceram as aldrabas".